

WIDENER



HN JS45 A

L 9126.12.100

✓ M 35 2:19



HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

TRISTES E INTIMAS

POESIAS

Pariz. — Imprensa de P.-A. BOURDIER e C^a, 30, rua Mazarine.

TRISTES E INTIMAS

POESIAS

DE

CLIMACO ANANIAS BARBOZA D'OLIVEIRA

BATIA—RIO DE JANEIRO

1858—1862



RIO DE JANEIRO

F. WALDEMAR, LIVREIRO-EDITOR

PARIZ

MORIZOT, LIVREIRO-EDITOR

3, RUA PAVÉE-ST-ANDRÉ

1863

SAL 9126.12.100
✓



Country Director

Printed in Spain

A

MINHA AVO

D. GERTRUDES MARIA DOS PASSOS

ILLUSTRE POETA

Celebrando em canções heroicas a primeira cruzada da Europa contra a Asia, Homero não contava sómente aos seus coveiros e vindouros, por um modo até então desconhecido, os episodios de uma lucta immensa que tinha de continuar ainda pelo correr dos seculos como arauto da civilização, — estabelecia tambem com a pomposa narração dos brios dos soldados de Agamemnon o modelo epico do cantar dos Bardos.

Unindo em um unico e indivizivel ser a poesia á arte e a arte á poesia, fundava a litteratura grega na patria do bello e do sublime uma escolla onde a inspiração devia baptizar-se, educando-se nos primorosos trabalhos de Euripides, de Eschylo e de Aristophanes.

Filha do sentimento do povo a litteratura hellenica, appellando para os affectos do coração, cantava n'aquelle rhythmico que caracterizou a simplicidade atica, as poeticas ficções de sua crença e a fé heroica d'aquella antiga raça cuja gloria sobranceira á queda dos imperios não se apaga nem no pó da campã de uma civilização extincta.

A epopéa com a grandeza dos seus ornatos, com a

magestade da hypotyposis, era então o canto consagrado ás glórias da nação, a hymnologia da sua varonil heroicidade, assim como a lyrica era a linguagem escolhida pelas harmonias do sentimento, quando na idade das paixões o espirito e o coração do homem cheios dos vaporosos sonhos, das doudejantes esperanças da mocidade, vestem de formas sedutoras e phantasticas a realidade desta existencia ephemera, que só o pensamento humano perdido nas contemplações do infinito pode engrandecer e elevar acima da pequenez da terra.

Poetica pelo espectaculo magico da natureza e das paixões que ella representava, foi por muito tempo a arte grega o unico manancial aonde ia alimentar-se a inspiração dos successôres do divino cego até que a revolução immensa que abalou os mythos do Olympo, abjurando o culto mythologico da escolla classica, veio estabelecer em nôme dos affectos intimos do coração e das verdades do espiritualismo um novo altar em que o pensamento toma uma forma adaptada e digna ao sentir da expressão dos filhos do christianismo. Incompleto como era o exemplo antigo, o romantismo tornara-se uma necessidade urgente reclamada pelas exigencias das nacionalidades e da religião que não podião submeter-se ao polytheismo e á forma de um cantar extranho.

Vivendo em um outro mundo, educado á luz de um sol formoso e vivo, o espirito brasileiro exigia mais

vastos horizontes, mais altas regiões onde adejasse nas contemplações poeticas desta virgem natureza.

Deante dos modélos do passado e das imagens que importaramos do velho mundo a arte brasileira não só não se originara, mas até a propria advena se estacionava ou decahia nos enfezados fructos de uma imitação servil e baixa que á pouco e pouco desnaturava e empobrecia o talento brasileiro.

Povo independente, tinhamos, entretanto, uma litteratura sem patria, ataviada com todas as alfaias do estrangeiro, e que, deslocada de seo solo primitivo, não podia domiciliar-se n'um paiz que não amava.

O senhor Magalhaens e mais tarde o senhor Porto Alegre e Gonsalves Dias, amanhação-lhe o terreno, nacionalizando ou creando a arte nacional, imprimindo-lhe um typo que a separa da feição extranha pelo cunho do labor e por um cantar sonoro e maviôzo á moda de nossa terra. Como as máscaras de gesso que modeladas sobre cadaver trazem os contornos e os angulos faciaes sem a expressão da vida, não podia a arte hellena satisfazer as aspirações dos brasileiros educados á sombra das florestas que inspirarão Chateaubriand e Bernardin de Saint-Pierre.

Aurora de um novo dia a escolla que veio mostrar que o espirito subsiste á lettra e que a inspiração equilibrada nas azas do pensamento não roja pelo chão, nem se submete aos preceitos dessecados pelo tempo e carcomidos como as mumias dos egyp-

cios, as quaes o balsamo não salva da destruição dos seculos.

Na alma humana a poesia é o sentimento do bello e do sublime, — a lingoagem harmoniosa do sentimento; segundo a valioza opinião de Lamartine: — a encarnação do que o homem tem de mais intimo no coração e de mais divino no pensamento; o que a natureza vizivel tem de mais grandioso nas imagens e de mais melodioso nos sons.

O gosto e o genio são as condições internas ou psychologicas da poesia, isto é: o gosto que escolhe e combina as imagens que vestem a expressão do pensamento e das ideias da alma sob uma forma sensivel; e o genio que é o poder absoluto da abstracção da imaginação e do enthusiasmo.

Qualquer que seja a forma da revelação e a lingoagem que emprega, o fim da poesia não é a exacta imitação da realidade porque a arte é antes emula do que escrava do realismo, segue mas suas creações os processos da intelligencia divina dando ás suas obras, como um segundo Deos, o triplice character da intelligencia, da força e do amôr. E levando as almas pelo sentimento da admiração e pelo espectaculo da belleza acima das grandezas miseraveis da humanidade, curvada para a terra, viveria o homem sem a poesia, fechado no estreito circulo das necessidades phisicas, dos interesses materiaes, como o complemento do reino animal, intermediario entre Deos e a natureza.

Sob este principio não posso deixar de applaudir e amar a todos aquelles que, como vós, affastando-se das farchas da vida commum, das necessidades da existencia da materia, sabem elevar-se pelo trabalho e pelos fructos do seo espirito além das fraquezas do ser humano.

Abraçando-vos pois e felicitando-vos pelo apparecimento do vosso livro, de vossas *Tristes e intimas*, onde ha muito do sentimento e da poesia de nossa terra, dir-vos-hei como Ségalas :

. L'objet
Que vos vers ont touché s'éclaire à leur reflet ;
On dirait qu'un rayon du soleil l'illumine!....

F.-V. BETHENCOURT DA SILVA.

PROLOGO

Longe por esses mares azues, sobre cuja face o sol dos tropicos vêm reflectir-se enfeitando-o de mil perolas de luz ; além por essas praias longiquas, e cobertas de brancas areias donde uma natureza robusta e encantada não se cança de crêar mil bellezas que seduzem a alma e o coração do homem, reclina-se sobre a montanha, como uma immensa paisagem, uma cidade bem poetica, sobre que antigas e sagradas tradições vem lançar, com mão poderosa e justiceira, o cunho de uma lembrança eterna na memoria das nações cultas e grandes, que sabem preferir a côr escura do ferro, como uma realidade, ao brilhantismo momentaneo do ouro falso, como uma ficção.

Quando o fundador do Imperio deo ás margens do Ipyranga, aquelle brado solenne pelo qual ia lançar a primeira pedra para os alicer-

ces do grandioso edificio da monarchia, foi lá, na filha querida de Cabral, que suas vozes echoarão mais agudas, e foi lá também n'aquellas verdes campinas de Pirajá que nossos avós e nossos pais sellarão á custa de seo sangue a nossa emancipação politica.

Então todas as suas irmans lhe renderão os hynos de oração, e sua fronte cingio a corôa do triumpho.

Ella era feliz!

Fadada pelo Creador para grandes couzas, começou á florescer, e suas esperanças se ião tornando realidades; um dia, porem, a idéia absurda e ingrata da centralização veio povôar a cabeça de nossos politicos, e matar-lhes no coração os proprios sentimentos de gratidão.

Todavia, aquella que já uma vez dera uma grande prova de sua heroicidade e galhardia, mesmo em lucta com esta nova contrariedade, appellou para a resignação e para o trabalho; não para essa resignação pacifica do escravo que não tenta um nobre exforço pela sua liberdade, mas sim aquella que se accompanha de esperanças crescidas cada dia por grandes ten-

tativas, cujos resultados somados provão a força de seo querer.

Assim a patria dos Dorias e dos Titaras ia devisando, ainda mesmo pausadamente por entre as nuvens escuras que crescião nas fimbrias de seo horisonte, esse grande futuro que Deos lhe dera em dote.

Mais tarde um filho degenerado, que teve ambições do poder, acastellou-se nos baluartes de sua intelligencia com uma audacia barbara e desgraçada, e poz por terra a mais bella das theorias economicas, e a que, com certeza, nos promettia um mais bello arrebol, a liberdade do credito, E não foi isto só.

Contra todas as leis da honra, fez que o commercio e as fortunas particulares assentadas mais ou menos em fundos solidos e realizaveis tivessem de perder o que já era seo, pelo trabalho, e pela industria. Lá pela sua consciencia não lhe bradou que era um verdadeiro roubo feito á propriedade, roubo que veio trazer-nos uma crise medonha, e um desasocêgo infinito. Foi então que a Bahia teve de soffrer mais que todas as outras Provincias, visto ser ella, afóra a Côrte, a que tinha un commercio mais lato, e

maior numero de sociedades bancarias que giravam com o credito.

Em sua queda essa infeliz mãe lança um grito de maldição sobre a cabeça desse filho desnatado que matou em flôr todas as suas aspirações !...

Felizmente já ella vê-se um pouco vingada. Já o vio preferir a libré de creado do paço á toga de eleito do povo !...

Todos tem o seo destino, e, disse uma das maiores cabeças que a França produzio, *feliz d'aquelle que conhece para o que nasceu.*

Agora, esse homem que esquece tudo, com tanto que na escada do poder occupe um dos primeiros degrãos, vê-se odiado pelo povo, despresado pelos homens sensatos, e esquecido de sua mãe.

E' por certo sublime e previdente essa idéia de um dos nossos politicos pela qual pretende acabar com a vitaliciedade do Sênado. Si ella se realizasse, talvez alguém não fosse tão vil á humilhar-se tanto a si, e envergonhar de mais aquelles que o elegerão.

N'essa terra de que acabo de fallar-vos, e que contenta-se hoje em reler as paginas da historia

de seo passado, que vive de suas antigas grandezas, foi que eu vi os primeiros esplendores do sol, e escutei os canticos alegres dos passarinhos saudando a vinda da aurora nas barras do horizonte. Foi lá que, á sombra do arvorêdo, eu aprendi á amar a natureza. Ahi banhei a minha fronte d'essa luz de poesia que alumia tudo quanto encontra-se. Fui ouvir nas noites de minha infancia as lendas agradaveis que me contava minha bôa mãi, quando me fallava das cousas de minha terra.

Havia em tudo isso muita poesia onde eu poderia fartar de deleites minha alma de menino. Guardei porem todas essas recordações em meo coração que ainda não sabia fallar, e, muito menos, destacar o bello do horrendo.

Despido das fachtas da puerilidade, destinão-me á carreira das lettras, onde entrei alegre, pois que ia saciar-me de todos os meos desejos. Estava no ultimo de meos preparatorios para alistar-me nas filleiras dos soldados do velho de Cós, quando, ainda me lembra bem, era em um dia de entusiasmo em minha Provincia, 2 de Julho, fui arrebatado por um

d'esses olhares fascinadores que a mulher sabe lançar... Amei...

Era uma nova seiva que vinha alimentar em meo ser o germen da poesia, que recordações historicas e patrias tinham plantado em mim.

Não sei se fui poeta. Sei apenas que comecei á ver tudo por um prisma dourado de phantasias, por onde não é dado á todos o envergar.

Si até então eu tinha ambição de gloria e de futuro sómente para não ver frustados tantos sacrificios dos meos, e nem tem fructo a minha perseverança nos estudos, tive desde ali necessidade imperiosa de tudo isso para offerecer em holocaustos ao meos primeiros amôres, e para tornar-me merecedor d'essa virgem que povoava meos sonhos e cuja imagem como que se collocara deante de mim nas minhas longas noites de estudo.

Desgraçadamente eu tive de ver de uma só vez arrefecido em meo coração esse fogo de amor que me escaldava o sangue nas veias. Tive de cantar uma nenia sobre o tumolo de minhas esperanças assassinadas pela cega leviandade d'essa mulher. Foi bem tarde por que foi depois de seis annos, mas ainda foi em

tempo. Hoje tenho por ella um sentimento de piedade que é as vezes a ultima phase do amor ou o principio de onde elle se origina.

Certamente tambem essa piedade se hade acabar como uma cousa inutil que é para quem não a merece!...

E depois :

Se tudo isso não fosse bastante para me fazer comprehender as magoas de Tasso ou as horas vagas de Byron, eu por força me havia de fazer poeta, se a poesia é o sentimento intimo traduzido por harmonias pouco ou muito cadentes.

Quando, filho de uma geração nova e debil que tenta regenerar a sociedade actual baseada e nutrida por antigos vicios, e grosseiras tradições, eu trago, além dos meos companheiros, não sei que cunho de infelicidade, que anathema de maldição que me pesa na fronte, que já se me tivera vergado se não tivesse ainda alguma fé, como educado que fui e crente que sou na religião que se plantou no Golgotha, eu não poderia deixar de ser poeta, ou ao menos amante da poesia. Que querem?... vejo-me braço a braço em lucta infinita e de esterminio com o escarnéo e até o desprezo social e por

isso esses soffreres continuos são transformados em doce-amargos sentimentos pelos quaes tenho direito, ao menos, ao titulo de martyr do mundo, assim como em todos os tempos diz L. de Mendonça, *o poeta tem sido uma victima da sociedade.*

Não sou tão orgulhoso que acredite no *j'ai quelque chose là d'aquelle* infeliz que subio bem alto porem na escada do cadafalso; mas é que quero que não me dispão, de uma vez, d'aquelle sudario routo de que se cobrem os desgraçados do mundo, e nem me arranquem aquella corôa de espinhos que faz sangrar as fronteas aos que as cingem.

Como a modestia em excesso é uma especie de orgulho tanto mais desagradavel, quanto mais os que nelle praticão farem disso uma nova côr com que buscão destacar-se dos outros, ousou confessar que si o talento é uma especie de *città dolente*, entrei nella sem aceitar o dogma do *lasciate ogni speranza* apezar de que não é só em Portugal como disse o author do *Abel e Caim*, que :

Genio ter e inspiração,

E' morrer ao desalento,
E' ser pasto de errizão !

Tambem essa sentença proferida pela bôca de um martyr da epocha do materialismo estúpido, em que só se acredita no ouro dos Cre-sos, como a *Marco de les Filles de marbre* e nos *Homens de marmore* do pai de *Pedro*, se estende até o Brazil. Todos os que professão tão ab-jectos principios são verdadeiros homens como o seculo o requer, mas eu não sei se o Senhor Biester mentio nos *Homens serios*.

Encontrão-se em um baile V. Hugo, M^{me} de Gi-rardin, e Alexandre Dumas pai, e considerão-se os primeiros homens do seculo, passa-lhes em frente muita gente que nem se digna olhar-lhes sinão pela belleza da mulher do fundador da *Presse*; mas a sala inteira curva a fronte quando entra o Barão de Rothschild !...

Sociedade abjecta e ouzada é essa em que vi-vemos; e pretende fazer dos que a estudão, como o anatomista as entranhas pôdres de uma bo-nita mulher, o ludibrio d'ella, ou o nescio que ignora que *L'esprit des sots est une pilule qu'on peut avaler, mais non pas sans faire la grimace :*

como eloquentemente pensou o author dos *Tartufos* e do *Doente imaginario*.

O prologo de um livro qualquer, sem deixar de ser o que muitos tem dito que elle é, e no meio de tudo ser uma *asneira*, como diz o Senhor Xavier de Novaes, creio que pode ser tambem considerado como uma especie de *Indice* que não traz a numeração das paginas, mas dispõe o leitor para o que elle tem de ver.

Se isto não fôr assim, resta-me comtudo as honras da originalidade.

Por isso passo á dar a razão do nome de *Tristes e intimas* com que baptisei o meo livro; não roubando á ninguem o direito de chrismal-o como lhe aprouver.

Chamei-o assim, porem, porque depois que conclui o trabalho de colleccionar os meos papeis velhos, vi-me deante de um calhamaço de rabiscos mais ou menos cheios de palavras amargas e sentidas.

Ver-se ha ahi paginas repassadas de sentimento e de dôres que aninhei constricto e resignado no intimo de minha alma.

Quando bebi a ultima gotta do fel de minha desgraça e que o coração estava farto de sofrer,

tive de curvar-me á mão imperiosa de minha fraqueza que me obrigava á entornar o excesso de amarguras, que me teria de matar, si o quizesse conservar por mais tempo.

São as flores de minhas esperanças
Que murcharão ao vento da desgraça.

O por que em todas essas paginas resalta sempre a imagem da mulher, já deverieis saber, si mesmo agora eu não vos perguntasse: o que houvera de mais bello neste mundo do que a mulher, cuja existencia não permite que elle seja um cahos? !...

O que haverá de mais sagrado e poetico do que ella, essa creatura incomprehensivel e caprichosa como a creança, perfumada como as flôres, typo sim nôme, especie de transição entre Deos e o Homem? !..., cuja vida inteira é uma historia de amôr que só por si é já um poema!

Lançada no mundo como uma planta exotica que precisa de estufa para viver, a mulher carece que nós lhe apreciemos com acatamento aquillo mesmo que ella julga muito commum.

Se seo fim é o amor, seo apanagio sublime a maternidade, porque não será a poesia a linguagem pela qual lhe fallemos ?...

Não pense-se porem que sou um communitista, e que só me satisfaço com as fórmulas bem acabadas da mulher... *Lorettes* e *Manons* dos salões de baile e que só escutam o tinido das bolsas, essas que sabem mercadejar com a sua propria pessoa, que se trocam por um brilhante, e um carro com cavallos arabes, as que riem-se da cazaca rafada do infeliz que passa as noites ao clarão de uma candeia que lhe empallidece a fronte, e não quer que o pó de seo sapato velho suje a barra de seo vestido de rendaz, essa é..... é desprezível, e creio que nem me lembrai d'ella quando fallei da mulher.

Escrevendo o prologo de uma de suas composições Castello Branco lamentava ou ria-se de que *Bértholdo Bertholdinho* e *Cacasseno* tivesse mais extração, não me lembra, do que obra que ficara coberta de poesia nas estantes do livreiro; se acontecer assim com as minhas Tristes e intimas, prometo publicar pelos jornaes uma poesia á essa grande catastrophe.

Sei que ahi são todas poesias que nem me-

recem tal nôme, quem sabe? ! ,mas como não tive nenhum guia que me quisesse iniciar nos profundos misterios da arte, perdoe-se-me ao menos o esforço soberano de uma tentativa tão ardua; seja em favor da avezinha a vontade que teve de vôar como as outras.

Dahi todos sabem que a literatura em nosso pais é um edificio que se acha ainda em suas bases, onde não fará mal algum que o meo livro entre como uma pedra mal facêada, que certamente em nada comprometerá a belleza da obra.

Se tive outro fim que não o de concorrer com o meo obolo, ainda mesquinho, para esse edificio que se prepara, o futuro me julgará.

CLIMACO BARBOZA.

TRISTES E INTIMAS

A' AME...

Dou-te meo livro!... do passado as nodôas
Que em suas folhas vaes achar talvez,
Eu apaguei-as nessa noite linda,
Em que sonhei-te da primeira vez!

Requeimados de angustia e amargores
Vaes ler os versos qu'escrevi outr'ora,
Esqueço hoje as dôres que se calão
N'essa esperança que me anima agora.

São essas flôres de que fiz um dia
O leito molle de infeliz sonhar,
Errei; confesso, maculei as vestes
Dessa pureza do que seja amar!

Perdão ao menos para o pobre louco
Que tanta crença, sem saber, queimou,
Não o maldigas nesse amor perdido,
Por innocencia foi talvez que errou !

Foi na insomnia de um amor sem fructo
Que rompéo de mancêbo as vestes suas,
Mas as capellas qu'inda tem na fronte
Brotão perfumes, e são todas tuas !

Ves o meo livro, não queimei incensos
Aos senhores da terra, aos potentados,
Só canto nelle hozanas á virtude,
E me dão tambem dos desgraçados !

Ha cantos repassados da tristeza
Que o passado gerou na alma minha,
São essas folhas que a desgraça enlucta
Quando á seo pezo o infeliz definha !

Transformada a essencia d'esse livro
Eu dou a ti somente o que elle tem,
Rasga-lhe as folhas que escrevi outr'ora,
E só teu nome ficará tambem !

E' de ti que preciso a benção santa
Para o filho querido que abandono,
Possa elle dizer-te si te amo ,
Dormindo em teu regaço um puro somno!

Nessas noites de amor e de vigalias
Arfando de sonhar teu casto peito,
Tua fronte recosta em suas folhas,
Adormece com elle no teu leito.

Reanimáste de minh' alma as crenças!...
A' ti meos sonhos de febril amor ;
Si meo livro de louros enfeitar-me,
Tambem á ti os louros do cantor!

Mas si insultos tiver, escarneo, afrontas
Tudo isso reservo p'ra mim só;
Voltará desgraçado da viagem,
Esperando de ti, ao menos, dó!...

Abril de 1862. Rio.

CLIMACO.

MEOS VERSOS

E' minh' alma que geme e que murmura
Como um órgão no templo solitario.

MAGALHÃES.

Meos versos o que são? a nota extrema
D'uma harpa que findou os seus cantares,
O gemido da rôla innocentinha
A' sombra desferido dos palmares.

São o canto final do branco cysne
Entoado na hora de morrer,
A oração que reza o marinheiro
No batel que lá vae á se perder.

São os suspiros que abafei no peito,
Ou são espinhos qu'enfeitei de flôres;

São a dôr que definha minha vida,
Ou a nenia cantada aos meos amôres.

São a lembrança de esvaídos sonhos
Qu'inda hoje revive em minha mente;
Ou as recordações do minha infancia
Que passei entre flôres, tão contente!...

São essas dôres intimas, agudas
Que o pobre coração me vão roendo;
São a taça do fêl das amarguras
Que triste, pouco á pouco, vou bebendo.

São as flôres de minhas esperanças
Desfolhadas ao vento da desgraça;
Ou presagios da morte annunciada
Pelo grito do môcho que esvoaça.

Do moribundo derradeira prece,
Dizem meos versos minha historia inteira;
Cantos ungidos pelo desengano
Lembrão elles a hora derradeira.

Outubro de 1861, Rio.

A MINHA MÃI

Est-ce toi dont la voix m'appelle !

ALF. DE MUSSET.

I

Minha mãe ! quando sozinho
Medito na solidão,
E' de ti que uma lembrança
Vem fallar-me o coração.

E' de ti a imagem santa,
Que em silencio me aparece,
Entoando aos meos ouvidos
As harmonias da prece.

Oração mystica, eterna
Que eu aprendi á rezar,
Por que ás Ave-Marias
Tu m'a vinhas ensinar.

Tu me desias : « Meo' filho,
Vem orar ao nosso Deos,
Para que elle te guie
Na senda dos passos teos. »

E Deos, que ouviu estas preces
Que sóias me ensinar,
Esqueceo-se do menino
Que lhe vinha sempre orar.

II

Minha mãe! esse anjo querido
Que me segue risonho á meo lado,
Me guiando nos passos da vida;
Me lembrando o viver do passado.

Eu te vejo por entre essas sombras
Que o horizonte me encobrem da vida;

2.

E não posso fazer que me escutes
De minh' alma uma queixa sentida.

Nessa hora tão grave e solemne
Que o christão dedicou para as preces,
Me acênando de longe entre risos
E's tu mesma que então me apareces.

N'esse canto que entoão as aves
Ao crepusc'lo da noite que vem,
Me lançando uma benção materna
Eu te vejo n'ess' hora tambem.

No cicio do vento nas folhas,
Seo segredo de amor lhes contando,
Eu escuto uma voz que me chama;
E és tu quem me estás acênando.

Eu te vejo n'esse anjo querido,
Entre as sombras na hora das preces,
No gorgueio das aves á tarde
E bem sei que de mim não te esqueces.

III

Me verás!... inda é cêdo. Esse filho,
Que creaste com tantos carinhos,
Tem a turba á cuspir-lhe na face ;
E na fronte a corôa de espinhos!...

Me verás, quando um dia o destino
Minha sinna fuizer transformar ;
Que eu não quero que a mãe e o filho
Tenhão juntos, talvez, de chorar !...

Paciencia ! O crisol do martyrio,
Onde est'alma mais pura ficou,
Nem sempre hade querer o coitado,
Que por elle mil vezes passou !...

Minha mãe ! si souberes que a sorte
Seo ludibrio me faz hoje assim ;
Entre as preces que á Deos entôares,
Tambem reze uma prece por mim !...

Abril de 1861, Rio.

ANNITA

Vem commigo, oh ! Annita, sem receio,
Minha terra habitar ;
Onde o sol é mais chéu de fulgôres,
E a torboleta tem mais lindas côres,
Onde tudo é sonhar !

Vem commigo, não temas, vem, Annita,
N'outra terra viver ;
Eu serei o teu guia no caminho,
De onde arredarei qualquer espinho
Que te possa offender !

Caminharemos juntos pelos prados,
E tu colherás flôres ;

Vem, Annita, saber o que é ventura,
Vem gozar uma vida de doçura,
E vem ser meos amôres!

Meo paiz é tão bello, tão fecundo,
Tem tantos laranjaes;
Vem, Annita, gozar de seos perfumes,
Ouvirás da rolinha seos queixumes,
A' sombra dos pinhaes!

Vem, Annita, commigo ver encantos,
Que nunca viste cá;
Teo paiz não é bom, p'ra nada presta,
Tu ouvirás de noite na florésta
Cantar o sabiá!

Eu tecerei p'ra ti muitas capellas
De formosas boninas;
Enfeitarei com ellas tua fronte,
Passêaremos juntos pelo monte
Ou nas verdes campinas!

Vem, Annita, viver na innocencia,
Onde não ha mentir;

Nós dous juntos á sombra da mangueira,
Ouviremos a voz da cachoeira,
Que convida á dormir !

Não temas que eu desfolhe estas coróas
De tua virgindade ;
Minha alma é um deserto aonde habita
Esse anjo ou mulher qu'es tu Annita,
E o mais é solidade !

Vem, Annita, sondar d'esta minh' alma
Seos intimos segredos...
E depois que os souberes vêm contar-me
Si tu podes ou não acompanharme ;
Si inda vivem teos medos !...

Tu serás a princeza de meos sonhos,
De meos sonhos de amôr.
Teo paiz é deserto como as campas ;
Deixa o frio de gêlo de teos PAMPAS
Por outra terra, flôr !

Si tiveres saudades de teo solo,
De teos vergeis de cá,

Matarás a saudade e os dissabôres,
Escutando a canção de meos amôres
Ao pé do cambucá!...

Vém commigo, oh ! Annita sem receios!...
Tu serás minha irmão,
Tu verás despontar um sol fulgente,
E passarás a vida mais contente,
Mais pura e mais loucan !

Novembro de 1860. Petropolis.

SI EU MORRESSE AMANHÃ

(IMITAÇÃO)

Deixara a vida que eu supporto triste
Por outra vida muito mais louçã,
Deixara o mundo de illusões mentidas
Si eu morresse amanhã !

No céo, mais perto despontar veria
Mais feiticeira, mais gentil manhã,
Veria a lua de mais perto ao menos,
Si eu morresse amanhã !

Não gozaria um só amor na terra
Que eu procurara com tamanho afã,

Não sentiria um coração de perfida,
Si eu morresse amanhã !

Deixaria talvez ao desamparo
Minha innocente e carinhosa irmã,
Eu não veria ao menos seo futuro,
Si eu morresse amanhã !

Minha mãe bem chorosa me rezara
Sobre o meo corpo uma oração christã;
Fôra mais leve o peso da existencia
Si eu morresse amanhã !

Maio de 1859. Bahia.

A LUA DO BRAZIL

Em resposta á — Lua de Londres —
do senhor João de Lemos.

Tu, poeta que cantaste
Da tua terra o luar,
Que só em sonhos gozaste
Lua de tanto brilhar;
Vém á terra brasileira
Ver si ha lua mais fagueira,
Lua de mais encantar!

Vém n'ella ver os encantos
Que a tua mente creou;
Vém ver es primôres santos,
Que a tua lyra cantou.

Tu verás em minha terra
Bellezas que a lua encerra
Com que teo genio sonhou.

Vem, poeta sublimado,
De tão divino cantar,
Anda ver realizado
Teo inspirado sonhar;
Vem ver que lua tão bella,
Que os encantos que tem ella
N'outra não podes achar.

Si na lua que cantavas
Na lyra que deo-te Deos,
Tantas bellezas achavas
No brilho dos raios seos;
Era por que não sonhaste,
Que a lua que tu cantaste
Não era a dos lares meos.

Vem ver que lua formosa
Tenho cá no meo Brazil;
Vem ver que lua ditoza

Raia cá n'um céu de anil.
Se luas mil Deos créara,
A minha fôra a mais clara
D'entre todas, d'entre mil.

Minha lua quando raia
Neste céu de linda côr,
Quando seos raios espraia,
Raios de tanto fulgôr,
Toda cercada d'estrellas,
Falla de amôr ás donzellas,
A' todos falla de amôr !

Tambem sua luz de prata
Luz de tanto scintilar
Sobre as aguas se retrata
Crystalinas deste mar.
Encantos da minha lua
Si procurares na tua
Não os podes encontrar.

Quando ella rompe fagueira
As nuvens cá deste céu,

Sobre as folhas da palmeira
Tambem brilha um raio seo.
Se tu visses o seo rosto,
Só de meiguices composto,
Cantaras o astro meo!

Ella aqui tem arvoredos,
Onde se vae esconder :
Onde revela os segredos
Que aos homens veio diser.
- Tem aqui lindas boninas,
E tem rozas purpurinas,
Que ella ahi não pode ter.

E ella aqui tem primôres
Que não tem nos céos de além,
Tem um prisma de mil côres
Que as outras luas não tem.
Tem mil encantos divinos;
Nos seos raios argentinios
Ha poesia tambem.

Na lua que tu cantaste
Lá desse teo Portugal,

As bellezas não achaste
Da do meo torrão natal;
Ella aqui desce dos montes
P'ra banhar-se em claras fontes
De puro, lindo crystal.

Os encantos que tu deste
A' lua do teo paiz,
So em sonhos percebeste;
Foi teo sonho bem feliz!
Nao tens lua tão formosa
Que nasça tão amoroza
Dentre verdes alcantis.

Vem ver que lua brilhante,
Tão donoza, tão gentil,
Que lua tão fulgurante,
Nasce aqui n'um céu de anil.
A lua que tu cantaste,
Que só em sonhos gozaste,
Vém vel-a no meo Brazil.

Novembro de 1859. Bahia.

LEMBRANÇA

Foi aqui que eu a vi, era de noite,
Vinha a lua surgindo d'entre nuvens,
E lhe banhava o rosto ;
Foi aqui que eu a vi, meio encostada
N'aquelle annoso tronco á que os invernos
Tem assim decomposto !

Em sua face pallida e mimoza,
Modelo de candura e de belleza,
Se reflectia a lua ;
E seos cabêllos negros, anellados,

Tangidos pela briza lhe brincavão
Por sobre a fronte sua!

Foi aqui qu'eu a vi, anjo celeste,
Feitura do Senhor, fada incantada
Em seo scismar profundo,
Tomei-a por um sonho de poeta,
Tomei-a pelo anjo da innocencia
Perdido n'este mundo.

Um canto divinal, canto sagrado,
Com o som divinal de uma harpa eolia,
Dos labios seos brotava;
E ia carregado pela briza
Envolvido de nuvens de perfumes
Até os céos chegava!

Oh! que noite, meo Deos, que noite aquella!
Era um sonho talvez, era um delirio
Ou era uma vizão!
Eu fiz emmudecer dentro em minha alma
As dôres do martirio que agitavão
Meo pobre coração.

De seo branco vestido as finas dobras
Se agitarão movidas pelo vento
Que suspirava ahi!
Esquecida do mundo nessa hora
Talvez sonhando amôres bem felizes,
Foi assim que eu a vi.

Oh ! que sonho, meo Deos, que vizão santa !
Extrema pallidez lhe ornava a fronte,
Emblema do ideal;
Amei-a como os dias da ventura,
Amei-a como um typo de belleza,
Amei-a meo phanal !

Foi aqui que a vi, bella, innocente
Como um anjo do ceo, rizo querido
Dos labios do Senhor!
Banhei-me na pureza de seo canto,
Beigei as suas plantas delicadas,
Jurei-lhe meo amor!

Nunca mais eu a vi; o meo destino
Só concedeu-me um dia de ventura,
Um' hora de sonhar,

E sempre que me acho nestes sitios
Aquelle velho tronco onde ella esteve
Faz-me d'ella me lembrar.

Agosto de 1860. Rio.

AMANHÃ

Enfant ! demain ! et puis, demain encor !

V. Hugo, *Feuilles d'Automne*.

Que palavra sem sentido,
Que juramento esquecido,
E que promessa tão van!...
Não ha nenhuma esperança
Nessa maldita esquivança
Que mostras nesse amanha.

Hoje sei que tu me amas,
Que te abrazas nessas chamadas
De tua ingenua paixão;
Que eu sou para ti a vida,

Que nutrez estremecida

Essa tão louca afeição.

Amanhan !? quem sabe ao menos

Si estes suspiros ingenuos

Tu queresás suspirar?!

Quem sabe se estes amôres

Não murcharão como as flôres?!

Amanhan !? por que sonhar?

Amanhan ! a incerteza,

Negra mancha d'impureza

No horizonte de amôr;

Flôr fanada pelo vento,

Amanhan, o esquecimento,

Amanhan ! eu tenho horror.

Palavra de prophecia,

Blasphemia que injuria

Os labios de quem a diz;

Conforto dos desgraçados,

Sentença de condemnados,

Palavra do infeliz !

Amanhan! sonho que mente,
Esperança do descrente,
Aurora talvez sem luz;
Por finados triste dobre,
Capela murcha que cobre
Mortuaria negra cruz.

Amanhan! mão encantada
Que escreva talvez ouzada
Palavras de Balthazar;
Duvidôso como a sôrfe,
Negro phantasma da morte
Que nos vem amedrontar.

Amanhan! espectro horrivel,
E' ter fé no impossivel,
Desencanto de vizaõ;
Quem sabe? negro veneno
Que vae se filtrar sereno
Nas fibras do coração.

Amanhan! é um mysterio,
Falsa jura sem criterio,

Que nunca se deve ouvir;
Amanhan! é um segredo,
Amanhan! eu tenho medo,
Amanhan! é o porvir.

Amanhan! o que será?!
Amanhan! quem viverá?!
Amanhan! sabem os céos;
Amanhan é a verdade,
Amanhan á eternidade,
Amanhan pertence a Deos!

Julho de 1861. Rio.

LYDIA

Dis-moi ton destin !

ALF. DE MUSSET.

Eu vi-a triste como a luz do templo!
Sozinha, muda como a estatua fria,
Pallida a fronte sua mão sustinha,
Nem ao menos o peito lhe batia!

E passou como a luz do perylampo.
Como sombra á vagar no cemiterio;
Raio da lua que branqueia a praia,
Segredo a alma, seo viver mysterio!

Ergueo a voz, e por seos labios frios
Uma prece sahiu sem fé, sem crença;

Sua alma virgem consumiu inteira
Da ironia na fatal doença!...

Uma falla de amor nunca ella disse,
Nem teve as *noites brancas* do sonhar;
Nunca um suspiro estremeceo seo peito,
E nem sabe, meo Deos, crer!... esperar!...

Si ri-se alguma vez quando medita,
Esse rizo não vem do coração!...
Penderá como lyrio á tona d'agoa,
Morrerá sem saber o que é paixão.

Julho de 1861. Rio.

A' UMA MULHER

Allez! que le bonheur vous suive.

ALF. DE MUSET.

Passou como a miragem do deserto!...
Vestigios não deixou d'esta passagem;
E na minha lembrança, no meo peito
Dezenhada ficou a sua imagem!

O vento a conduzio nas suas azas,
Zeloso de a deixar talvez perdida;
E ella n' um olhar indifferente
A alma me levou, levou-me a vida!

A brisa lhe beijava a tez mimoza
Como o sol na campina beija a flôr,

E esse beijo que roubou-lhe o vento
Maculara, talvez, o seo pudor!...

Lá foi voando no bulir das auras,
Como u'a folha que do ramo cae;
E desse sonho, que eu julguei tão longo,
A minha mente despertando vae.

Se tu viesses, encantado mytho,
Uma noite velar-me á cabeceira,
Eu te ofertara uma paixão de fogo!
Mas ella corre!... como vae ligeira!

Agosto de 1861. A uma hora da manhã. Rio.

A FLORINHA

Triste, mimoza florinha,
Quem foi que plantou-te ali?
Quem foi que assim esquecida
Te deixou nascer aqui?!

Perdeo-te acaso algum anjo
De sua santa capella?
Ou vaes enfeitar a fronte
A'lguma casta donzella?

Por que preferiste os campos
A'lgum formozo jardim?
Açodada pelos ventos
Não podes viver assim.

Vém commigo, em lindo jarro
Eu mesmo te irei plantar,
N'elle ao menos tuas folhas
Mais depressa hão de viçar.

Vem! que u'a mão bemfazeja
De manhã te regará;
Serás guardada dos ventos,
Nem o sol te crestara!

Eu ia arrancar a planta
Quando uma voz me fallou;
Olhei, era uma donzella
Que o meo convite escutou.

« Por que quer » — ella me disse —
« Arrancar esta plantinha?
« Que mal lhe fez neste campo
« Esta planta que definha? »

« Quero leval-a commigo,
« Plantal-a no meo jardim;

« Como poeta amo as flôres,
« Não devo deixal-a assim. »

« Pois bem ; » — fallou-me de novo,
N'um pranto de acerba dôr : —
« Não sabe que nesta planta
« E' que existe o meo amôr ?! »

« Dessa flôr singella e pura,
« Que ve ahi nesse chão,
« Eu plantei suas raizes
« Dentro do meo coração. »

« Toda manhán aqui venho
« De pranto as folhas molhar ;
« A' tarde, nunca me esqueço,
« Tambem lhe venho beijar. »

« E se vós como poeta
« Comprehendeis o que é amôr,
« Deixai viver esta planta
« Que é lembrança de um traidor. »

Janeiro de 1858. Bahia.

PERDÃO, SENHORA! PERDÃO!....

Si te ofendí en mis amores,
Muger querida, perdona.

L.-L. DOMINGUEZ.

Pensei que não fosse crime
Amar-te ao menos um dia,
Pensei que ao rasteiro vim
Não quebrasse a ventania;
Meo amôr foi um momento,
Depois tornou-se um tormento
De acerba, crua agonia.

Esse amôr que eu te votava;
Que tu mataste ao nascer;
Que até os céos me elevava

Nas azas do meo querer ;
Era um amôr extremoso,
Que eu álimentei zeloso
Somente p'ra t'o render.

Tu porem o condemnaste
A' morrer tão cêdo assim ;
Ao cadafalso o mandaste,
Sem teres pena de mim ;
E hoje eu vivo proscripto,
Expiando o meo delicto
Como o perverso Caim.

E tu te elevas rainha
No throno do teo poder,
E eu rojo a fronte minha
No cahos do meo sofrer ;
E a turba me escarnece,
E meo sofrer não fenece,
E eu não posso morrer !

Foi um crime !... crime horrendo
Gerado em meo coração ;

Por elle eu vivo gemendo,
E não basta a punição?!
Foi grande o atrevimento!...
Perdoa meo louco intento,
Perdão, senhora! perdão!...

Rio. 1860.

MESSALINA

Acabou-se!... não importa,
Não importa que foi cêdo!...
Deste amôr que eu tinha medo
Nem lembrança me ficou!...
Vive tu, no teo delirio
Desse teo incerto amar,
Que eu lavei-me deste lôdo
Em que me quiz rebolcar!

E tu lá no desespero
De incertas, doidas paixões,
Vae perdendo os corações
De teos incautos amantes;

Em quanto que eu, bem feliz,
Por fugir a perdição,
Só de ti hei lembrar-me
Nas horas da maldição.

O que és tu?! Astro tombado
A's maldições do Eterno,
E cahido no inferno
Para nunca mais se erguer;
Relampejar do corisco
Que risca as nuvens no céu,
Planta ruim venenosa
Que sobre o paúl nasceo.

Sombra errante sem destino
Pelos caminhos da vida,
Alma sem crença perdida
Em tórpe vil corrupção;
Impudica Messalina
De virtude sem um dom,
Neste novo amôr que sentes
E's a nova Marion!

Caminha! um dia cançada
Deste amôr especial,
No leito de um hospital
Tu terás de adormecer;
Ou antes do templo ás portas
Faminta, fria no chão,
Jogar-te-hei minha esmola
Em prova de compaixão.

Rio. 1860.

TENHO DÓ

Tenho dó de ver 'que amas
Sem seres correspondida;
Teo amôr é que te perde
Nos enganos desta vida.

Tão jovem, tanta belleza,
Tanto amor no coração,
Tanta crença polluida
Pelos beijos da traição.

Tenho dó de ver que sentes
No peito tão casto amôr,

Quando és da indiferença
A escrava, triste flôr!

Não creias que teos affectos
Possão ser correspondidos,
Não creias pois teo destino
Esses sonhos traz perdidos.

Quando se sente que a alma
E' infeliz no amar,
Ha um remedio seguro :
E' não crer, nem esperar.

Pobre virgem, tenho pena
De que sejas infeliz,
Abandona essa esperança,
E tua estrella maldiz

És innocente, não sabes
O que é ser no mundo só;
Tu não tens quem te comprehenda;
De ver-te assim tenho dó.

Rio. 1859.

4.

FANNY

Não sejas tu a victima de amor.

BYRON.

Que innocencia, meo Deos, que singeleza,

Que mimo de candura, que pureza,

Que graça, que sonhar !

Como estrella que brilha no oriente,

Açucena boiando na corrente,

Embalsamando o ar !

Tu és a flôr mimosa da campina,

Irmam na singeleza da bonina

A' vegetar no campo ;

Aurora da manhan enamorada

Imagem da belleza alumiada
A' luz d'ô pyrilampo.

A tez amôrenada do semblante,
Esse collo de amôres palpitante,
Oh ! quem t'os deo, Fanny?!
Oş olhos negros, negros os cabellos,
Teos labios nacarados, quem ao vel-os
Não morrerá por ti?!

Treze annos menina, já tão cêdo
Teo jovem coração canta em segredo
Os hymnos de amôr;
Espera, vaes correndo loucarinha,
Eu não te quero ver murchar sosinha
Abandonada flôr!

Inda podes brincar co'as companheiras,
Sacudir o orvalho das roseiras
P'ra gotejar no chão;
Adormecer nos sonhos da creança,
Em Deos depositar tua esperança,
Em Deos teu coração.

Bôrbôleta gentil, é cêdo ainda!

Tua côr variada, viva e linda

Não venhas marêar;

Tu não debes queimar as brancas azas

Do amôr nas quentes, traiçoeiras brazas,

S'inda queres voar !

Espera ! tu bem vês, a praia é fria,

Humida a arêa que teos pés resfria

Te gela nessa idade;

A mulher é escrava de quem pode,

Aos seos lamentos nunca o mundo acóde,

« Que o mundo é sem piedade ! »

A vida da mulher que amôr resume

E' como o scintillar do vagalume

Que uma outra luz apaga;

E ella soffre bem occultas dôres,

Seos ais, seos sonhos, ambições, amôres

O mundo nunca paga.

E de mais, ser creança é tão amêno,

O prazer dêsse tempo é tão serêno,

Tem tanta singeleza;

O menino adormece sem cuidados,
Seo berço é seo amôr, seo mundo os prados,
Seo sonho a natureza !

Vive, Fanny, que a vida da infancia
Tem sempre de mil flôres a fragancia,
E' um folgado eterno ;
Da mocidade a vida tem espinhos,
Que nos fazem sangrar entre carinhos ;
E' dezespero inferno !...

Depois tu te erguerás mulher ouzada ;
Poderás caminhar na torpe estrada
Que ao mundo nos conduz ;
E verás que'isso tudo é um deserto,
Nelle nosso sepulchro sempre aberto
Um esguio cypreste e uma cruz.

Dezembro 1860, Petropolis.

E' TARDE!

Qu'as-tu fait, infidèle,
Qu'as-tu fait du passé?...

ALF. DE MUSSËT.

Que queres tu ? que pretendes
Tu que a minha dôr offendes
Vindo lembrar-me o passado ?
Tu vens nas aras do vento
Brilhante de firmamento
Por esse espaço arrojado.

Quem és ? és nuvem que passa,
Que annunciou a desgraça
E vae se esconder no ceu ;
Tu que vens sem piedade

Oh ! Anjo da vaidade,
Cuspir no meo masoleu ? !

Quem tu és, vizão dourada
Que vens te postar na estrada
De um peregrino sem lar ?
Não queiras rir do meo pranto,
Não me illude o teo encanto,
Vai-te, deixa-me passar.

Se és o anjo querido
Que eu sonhei adormecido
Nas longas noites de amôr,
Por que vens hoje entre flôres,
Socorrer-te aos meos amôres,
Affrontar a minha dôr ? !

Essa lagrima fingida,
Que em teos cilios suspendida,
Nunca teo collo molhou,
Chore ao menos a lembrança
De malfadada esperança
Que o pé do tempo esmagou.

Si teo peito hoje palpita,
A minha sôrte é maldita
E meo sofrer é profundo;
Tu podes rir sem receio,
A' outrem abrir teo seio;
Ha muito amôr pelo mundo !

II

« Que quero eu ? me perguntas.
Vejo ainda crenças juntas,
Venho a ellas affagar ;
Rasguei os pés entre espinhos,
A' sombra de teos carinhos
Quero agora descansar.

« Peregrinei sem um guia,
Cada passo que eu fazia
Sepultava uma esperança;
E, si no marco da estrada
Eu me sentava cansada,
Só me vinha uma lembrança.

Era tua... eu caminhava,
Da fronte o suor limpava
E denoite o dormecia;
Tu, vigiando meo leito,
No ancinar de meo peito
Eras tu que eu sempre via.

Trago-te minha pureza,
A innocencia, a belleza,
E tambem meo coração;
A mulher arrependida
Hoje vem extremecida
Implorar o teu perdão.

III

O meo perdão?! tel-o has.
E depois caminharás
Em busca dos sonhos teos.
Tu terás adoradôres,
Que te darão seos amôres,
Porem nunca mais os meos.

.

« Nada! que o mundo é vazio
E nelle não corre um rio
Onde boie uma só flôr;
Hontem fui indifferente,
Hoje venho experiente
Mendigar o teu amôr.

.

E' tarde!... tudo mudou-se...
O horisonte nublou-se
E meo peito emudeceu;
Já te amei como perdido,
Agora resta o gemido
De um amôr que já morreu.

E' tarde!... os sonhos de outrora
Esvaecerão-se agora
Que minha luz se apagou;
Foi como o sol d'oriente

Que alumiou derepente,
E no occaso descambou.

Quando tudo era promessa,
Tu passaste tão depressa
Que eu nem te pude seguir;
No meio da tempestade
E' tudo realidade...
O que vens tu me pedir?

No meu céo empoeirado
Não venhas anjo sonhado
As tuas azas çujar;
Inda podes descuidosa
N' alguma nuvem de rosa
Por outros céos ir pairar.

Tu bem vés, meo corpo é frio,
Meo coração 'stá vazio,
Não te posso dar mais nada;
Quando tive alguma crença
Tu tiveste a indiferença,
Foste tu só a culpada!

A' essas faces descoradas,
Pela desgraça cavadas,
Para que vens pedir beijos?
Hoje os dias são frientos,
E meos labios macilentos
Não podem matar desejos.

Não venhas findar teos dias;
Que essas quentes ardentias
Hade murchar muita flôr;
A quem gême no calvario,
Envolto em negro sudario
Não deves pedir amor!

As flôres todas murcharão,
Minhas lagrimas secarão,
Não ha prantos e nem ais;
Dessa esperança de um dia
Só resta a lenta agonia,
Tu já vens tarde de mais.

Agosto de 1861. Rio.

ARREPENDIMENTO

Quando, illudido por fatal chimera,
Em tudo eu via tão sómente amôr;
Amei do prado a verdejante hera,
E do jardim a perfumada flôr.

Amava a hora do nascer da lua,
E seo morrer eu o amei tambem;
Louco pensara que na racha nua
Podia achar a candida cecém !

Amava a aurora á disponentar risonha
Se descobrindo de seo lindo veu;

Tambem a tarde quando vem tristonha
Vestir de crepe o anilado céu.

Até no bosque o ciciardo vento
Como era louco me atrevi á amar;
E das estrellas lá do firmamento
Amei, meo Deos, seo candido brilhar.

Dessas estatuas frias e geladas
A que o mundo apelidou mulher
Amei as tranças soltas, desgrenhadas,
Amei os rizos por bem louco ser.

Amei seo porte lindo, feiticeiro,
E seo olhar fatal á seduzir-me;
E seo rizo tão bello, tão fagueiro
Era um abismo atroz á engulirme.

Em um momento de loucura immensa
Modesta virgem eu amei, meo Deos!
E' só por ella n'uma febre intensa
Eu escaldava os pensamentos meos.

Cada palavra, cada rizo della
Era o nascer de mais febril amôr;
Era o nascer de uma flôr singela,
Enchendo os ares de seo casto odôr.

Em seos olhares cheios de ternura
Eu via o céu á se me abrir além;
Lia em seo rosto de gentil candura
Feliz augurio de vindouro bem!

Mas esse bem que eu lia no semblante
Negro phantasma de traição calcou;
Tanto futuro apenas n'um instante
Ella, meo Deos, foi ella quem matou!

Hoje porem de tão fataes enganos
Nem de chimeras vivo perseguido;
Desses fugaces sonhos dos humanos
Eu vivo agora menos illudido.

Em tudo eu cria, mais sensato agora
Sei a mentira qu'embeleza o mundo;

E, pecadôr que suas culpas chora,
O meo arrepender será profundo.

II

Não amo a hora do prado,
Nem a perfumada flôr ;
Não amo a lua que nasce,
Nem também o seo fulgôr.

Não busco na rocha núa
Achar viçozas cézens ;
Descreio do que é do mundo,
E de seos sonhados bens.

Não amo a aurora risonha
Se despindo de seo veu ;
E nem o cahir da noute
De lucto cobrindo o céu.

Não amo nada, a descrença
Sobre minha alma passou

E foi o tempo de outrora
Uma luz que se apagou.

Inda é tempo, minhas culpas
Hoje pretendo chorar;
Vejo a campa de tão perto,
Devo nella descansar!

Agosto de 1859. Bahia.

DESCREIO

Descreio do mundo, terrível abysmo
Em que se descambão incautos viventes,
Pois vejo nos gozos que n'elle se encontrão
Perverso veneno de negros serpentes.

Descreio dos homens, que leio em seo rosto
Fiel o retrato de seo coração;
Nos gestos, nos risos, nos faceis afagos
Quem sabe? se occulta medonha traição.

Dos meigos carinhos comque nos captiva
Gentil, innocente, formosa mulher,

Por ver que elles todos se paixão ligeiros,
E que são fingidos, me atrevo á descrever.

Dos firmes protestos, das juras sagradas
Que loucos amantes costumão jurar,
Por ver que ellas todas traduzem mentira
Não devo, nem posso mais acreditar.

Da flôr que se ostenta fagueira e risonha
No tope da haste vivente e louçan,
Descreio, coitada, que á tarde fenece
A flôr que foi bella e nasceu demanhan.

Das ondas bramindo no mar furiozas,
Depois se extorcendo nas praias além,
Por que n'um instante seos choques de furia
Se tornão bonança, descreio tambem.

Descreio do genio que luz magestoso
Na fronte de um homem que alcança renome,
E' tudo mentira, que vejo que morre
Camões se batendo nas vascas da fome.

Não creio nas glórias de bravos guerreiros
Que espantão ao mundo com tanto valôr,
Lá vae Bonaparte temido do mundo
Morrer desgraçado do escilio no horrôr.

Não creio nos sceptros de ouro fundido
Que Reis os empunhão com tanto prazer;
Um voto do povo que é livre e sob'rano
Mil sceptros de ouro fará derreter.

Descreio do ouro de amiga fortuna
Que ás vezes os homens ao crime conduz;
Tambem muitas vezes seos rizos são falsos,
Descreio de tudo; só creio na cruz!

Septembro de 1859. Bahia.

MENTIROZA

Femme, tes serments sont écrits sur le sable.

BYRON.

Por que promettes, por que dizes « amo, »
Si nem tu sabes o que seja amôr?!
Aonde viste, coração voluvel,
O vento norte acarinhar a flôr?!

Eu peço apenas, tu és livre, podes
Amar a mim se o coração quiser,
Mas, co' estes labios que a paixão despertas,
Não me venhas mentir, por Deos, mulher!

Si eu esmolo fãrtar-me em teos amôres,
E' como o pobre que mendiga o pão;

Não me revolto por não ter esmolos,
Não digas sim, se o coração dir não !

E' falso tudo que por mim tu sentes ;
Tua ternura, teo olhar quebranto,
A falla meiga, esse languor, os zelos,
E' mentira, mulher, tu mentes tanto !

Quando te fallo, com que artes finges
Acarinhar meo coração que geme ;
Sé franca, eu quero o pensamento livre,
Falla a verdade nesta voz que treme ? !

A mentira é um crime que horroriza,
Na mulher ella rouba todo o encanto,
Por que me apertas ao teo collo frio ? !
P'ra que mentes, mulher, tu mentes tanto.

Julho de 1861. Kio.

TE LEMBRAS?!...

Dites, vous en souvenez-vous ?

Te lembrás, donzella, da tarde formosa
Que vi-te invejoza
No prado engraçada colhendo uma flôr ? !
Então a minha alma, meo ser, minha vida
Deixei-a perdida
Do teu gentil rosto n'aquelle languôr.

Te lembrás ainda d'aquelles olhares
Qu'em seos scintillares
Dizão-me d'alma seo santo querer ? !
Não viste, responde, meo peito gemendo,
Martyrios sofrendo
Do seo deploravel, cruel padecer ? !

Te lembrás ainda que louca correste,
Que a flôr que colheste
Deixaste cahida, me vendo te olhar! ?
Depois que sozinha ficaste parada,
A' meio pasmada,
De ver-me imprudente pr'a ti me chegar?!

Te lembrás d'aquellas palavras ardentes
Que uns labios trementes
Com tanto respeito te ouzarão dizer? !
Daquellas palavras de fôgo amorozo
De um peito extremoso
Contando os estragos d'ignoto poder?!

Que eu louco pedi-te que um beijo me desses
Que terna fizesses
Feliz minha vida com tanta ventura ?
Que em troca daria-te a flôr que colhias
Que, quando corrias,
Cahio-te do peito de tanta candura?!

Então tu coraste, donzella, de peijo,
Por cauza do beijo

Que eu louco pedi-te morrendo de amôr ;
Bem sabes, meo anjo, tu foste orgulhosa,
Que assim, caprichosa,
Por cauza de um beijo perdeste uma flôr !

E eu de joelhos prostrei-me chorando,
Teos pés apertando
Com a força de morte que deo-me teu não ;
Porem quando ouviste meo choro convulso,
Fugindo á meo pulso
De um doce desmaio cahiste no chão ? !

Tremi quando vi-te tão pallida e fria ;
Beijar-te podia...
Julguei que em meos braços podesses morrer ;
Tu eras estatua no campo esquecida,
Si um sopro de vida
Não se revellasse n'um terno gemer !...

Toquei-te meos labios na face mimosa ;
Tu eras a rosa
Que quando se beija nos cobre de odôr ;

Então tu te ergueste, cahiste em meos braços,
Em doces abraços
Plantâmos o germen de futuro amôr!

Beijamo-nos ambos ; que beijos tão santos,
Que meigos encantos
Fruimos te lembras, n'aquelle beijar ? !
A lua que vinha por entre' o arvôredo
Viu nosso segredo,
Por isso invejosa nos fez separar !...

Outubro de 1859. Bahia.

TANTALO

Dei-te uma alma ainda virgem
Das paixões que o mundo tem,
Modesta como a bonina,
E pura como a cecém;
E tu sempre desdenhosa,
Recatada, vergonhosa,
O que me deste, meo bem? !

Um coração dei-te puro
Dos delirios do amôr,
Onde a vida ainda inteira
Tinha todo o seo vêrdôr;

Mas tu n'essa indiferença
Lançaste nelle a descrença,
Veneno consumidôr.

Eu te amei como na vida
Só se ama uma vez só,
Como as almas que se unem
Por indissolúvel nó ;
E foi crescendo o martyrio,
E o amor, do delirio,
Precipitou-se no pó !

Era eu livre, e teo escravo
Me fez teo rir seductôr,
Livre por meo pensamento,
Escravo por teo amôr !
Inda é pouco? que mais queres?
Falla, não me desesperes,
Me ergue desse tórpôr.

Acaso inda será pouco
O quanto de mim já tens?!
Em troca de tuas fallas

Já não hei dado refens?!
Já dei toda a minha vida,
O que haverá que te impida
De libertares meos bens?!

E que bens?! a paz serena
Que requer o coração,
O principio da ventura
Na quadra da illuzão;
Liberdade, pensamento,
Crença, amôr, findo tormento
Na aurora da redempção.

Achas que é muito, com tudo
Eu só peço o que meo é;
Do mais que tu me devias
Eu tenho perdido a fé;
Só resta a desesperança
Filha de tua esquivança
Que me esmaga sob o pé!

Não dei-te um amôr de fogo
Como não ha nos mortaes;

Quando eu gemia, não sabes
Que eras cauza de meos ais!?
Meos annos, minha alegria,
Dei-te, e quanto possuia...
O que queres que eu de mais?!

Porem tu em paga disso
O que me soubeste dar?
Nada, nada, algumas vezes
Algum passageiro olhar,
E frio como o inverno,
Que os tormentos do inferno
Me fazia aquinhoar.

Eu julguei que mais que isto
Me devia pertencer,
Eu queria ou tudo ou nada,
Ou a vida ou o morrer!...
N'um rizo, n'um gesto esquivo
Eu não acho linitivo
Para meo triste sofrer.

E que rizo que me davas
Filho só da indiferença,

Em vez de dar-me esperança
Só me trazia a descrença.
Oh ! mais não !... só quero a vida,
Minha alma está perdida
Perdendo a ultima crença.

Eu queria' um amôr de fôgo
Como as lavas de um volcão,
Que não nascesse do calc'lo,
Porem sim do coração ;
O que me deste era pouco,
Não pagàva o amôr louco
Que eu sentia por ti, não !

Minh' alma só se alimenta
De um querer mais elevado,
Deseja que o infinito
Tambem lhe possa ser dado ;
Quando não, nada teo quero,
E só fique o desespero
De tanto te haver amado !

Queria que me bastasse
Um rizo á furto em segredo,

Uma falla interminada,
Um olhar cheio de mêdo ?!
Um suspirar languôrozo,
Como o balanço medrozo
Das auras no arvôrêdo ?!

Um toque entre nossas mãos,
Um beijo dado escondido,
Um abraço que eu te desse
Sem haveres consentido ?!...
Era pouco, eu quero o immenso ;
Meo coração é propenso
A' ser em tudo atrevido !

Não bastava tudo isso
Quando mais sei aspirar,
Até mesmo o impossivel
Eu costume desejar;
Queria... oh ! tu me entendes,
Era muito....comprehendes,
E tu não me podes dar!

Septembro de 1860. Rio.

PERDIDA...

Folgas no lodo arrastada
E tens na face estampada
A ignominia dos céos.

ZALUAR.

Perdida!... assim o quizeste,
Quando não comprehendeste
De minh' alma o sentimento ;
Eu te dera minha vida
Se tu não foras mentida,
Em paga do meo tormento.

Eu te amara com ternura,
Se tu não foras perjura,
Nem uzaras da traição;

Porem não, tu não quiseste,
Da dôr o calix me deste
Que matou meo coração.

Era eu um desgraçado,
Para sofrer destinado,
Tu eras um cherubim;
Pedi-te que me salvasses,
Que do abysmo me tirasses,
Não te doeste de mim!

E seguis-te o teu caminho,
E eu fiquei tão sozinho
Gemendo no meo sofrer;
Hoje esta scêna mudou-se,
O passado terminou-se,
E posso agora viver.

E tu caminhaste ousada,
Com a fronte levantada
Teo caminhar de loucura,
O mundo roubou-te as galas,

Perdeste no pó das sallas
Tua riqueza mais pura.

Eras um anjo innocente
Que brincavas imprudente
Entre os malditos de Deos ;
Forão elles que mancharão
A corôa que atirarão
No lôdo dos crimes seos.

Eras a flôr despontando
Mil perfumes exalando
De sôbre a haste louçan ;
Brisa fresca te embalava,
O beija-flôr te beijava
Ao rosecler da manhán !

Veio a fouce do ceifeiro ;
No teo entreabrir primeiro
Cahiste murcha no chão ;
Passou a brisa, não vio-te,
O jardineiro imprimio-te
O beijo da perdição.

Foste orgulhosa, sorriste
Quando as fallas tu ouviste
De minha ardente paixão;
Agora choras rojada
Pela lódôcenta estrada
Que te leva á perdição.

Eras de mais caprichosa,
Eras de mais orgulhosa,
Zombaste de meo amôr;
E's hoje a mulher perdida
Que maldiz a sua vida
Nos trances de sua dôr.

Perdida! ? assim o quiseste,
Quando sorrindo me deste
O calix de meo sofrer;
Escarneceste um tormento,
E meo nobre sentimento
No coração foi morrer!

Cahiste... e nesta impureza
Se te consome a belleza,

**Avida se te consome ;
E trazes na fronte escripta
Uma legenda maldita :
De perdida tens o nôme !**

1860. Rio.

T

Reviens encor sur ton rayon céleste !..

OSSIAN.

Vi-te! abraçado do amôr na chama
Dentro do peito o coração pulsou-me ;
Teo innocente virginal semblante
Extasiado o coração levou-me.

Os teos cabellos como a noite negros
Que a luz de amôres vinha alumiar,
Forão grilhões que me prenderão alma,
Os quaes eu nunca poderei quebrar.

Teos olhos castos, alquebrados ternos
Como a luz debil de embaçada lua,

Lindos modestos para mim olharão
E me ferirão com a belleza sua.

Não sei, oh virgem, como chame aquillo
Que nessa hora eu senti por ti ;
Eu sei sómente que esse — que — ditozo
Por nenhuma mulher jamais senti !

Amei-te, sabes, como a brisa ama
Ir baloiçar a perfumada flôr ;
Sei que teo puro coração é virgem
Neste delirio que se chama amôr.

Por isso eu quero lhe afinar as notas,
Tocar-lhe a lyra pelo som da minha,
Erguer-te pura ás seduçõs do mundo,
Sonhar-te fada, te adorar rainha !

Dezembro de 1859. Rio.

NO SEO ALBUM

Perdão, no livro sagrado
De tua alma enamorado
Onde mandas-me escrever,
Eu vou contar uma historia,
Triste passada sem gloria,
E que tu poderás ler.

E' uma nota sentida,
Que, desta lyra tangida,
Bem longe vae echoar;
Longe, sim, mas tenho mêdo

Que esse meo pobre segrêdo
Tu não queiras occultar.

E' um segrêdo innocente,
Que eu guardei timidamente
Para hoje te dizer ;
E' um canto magoado
Como o que diz, inspirado,
O cysne que vae morrer ;

« Era um dia : um peregrino
Que cumpria o seo destino
Arrimado ao seo bastão,
Tinha o céo como seo tecto,
Caminhava no deserto,
E tinha por leito o chão ;

« Nessa estrada tortuosa,
Difícil e espinhosa
De sua misera vida,
Elle passava sombrio,
Como tão só corre o rio
Em matta desconhecida ;

« Porem um dia cançado,
Recostou-se ao seo cajado
E começou á chorar;
Uma estrella que luzia
Que suas queixas ouvia
Elle poz-se á contemplar.

« Estrellinha, tu que luzes
Entre flôres, entre cruces
Me respondo, tu quem és ? !
Serás uma alma perdida
Nestes ares esquecida
Como na terra me ves ? !

« A estrella, que ouvio-lhe a falla,
Deixou elle contemplal-a,
E depois se escureceu ;
E o pobre do peregrino
Lamentando o seo destino
Ahi mesmo adormeceu.

« Caminha e sempre caminha,
Lhe disse a fada mesquinha

Que seo berso balançou ;
E elle, cumprindo a sorte,
Caminhara até a morte,
Mas seo fadario expirou.

« Parou ; nunca em seo fodario
Quando empunhara o rosario
Para orar ao Creador,
Se esquecera de pedir-lhe
Que houvesse de permittir-lhe
Um dia ao menos de amôr ;

« E elle amou ; Deos lhe dera
Uma virgem que soubera
Seo amôr comprehender ;
Um' alma onde suas queixas
Forão sentidas endeixas
Que a lyra soube tanger. »

Inda mesmo sendo a historia
Sem valimento, sem gloria,
De um coração que sofreu,

Não deve ser revellada,
Que és tu a virgem amada.
E o peregrino?... sou eu !

Abril de 1861. Ric.

A UMA DESCONHECIDA

Conségrame un pensamiento
Como el que tengo de tí!

LARA.

Quem és ? encanto, phantasia, sonho,
Visão, idéia, seraphim, mulher ?!
Estrella d'alva que annuncia aurora,
Flôr entreaberta no amanhecer ? !

Oh ! tu seduzes n'esse olhar tão terno,
No porte altivo, na belleza rara;
Sublime essencia do ideal de um sonho,
Mulher divina que só Deos formara.

Nuvem rosada que precede a noite,
Perfume grato de ignota flôr,

Gotta de orvalho que humedece o lyrio,
Promessa, jura de feliz amôr.

Eu vi-te um dia; nessa luz de encantos
De que circundas esse rosto teo
Surgiu minha alma de agonias livre,
E mudamente o coração bateo.

Si tu me ouvisses na mudez dos labios
Fallando os olhos suspirando o peito,
Na ancía extrema de querer fugir-te
A teos encantos me tornar sujeito.

E si soubesses quanto amôr eu tive
Por ti na hora que passar te vi,
Como a existencia eu te daria inteira,
Como anhellara só viver por ti;

Talvez quisesse nesse olhar venturas
Ver-me, arrastar-me como a sombra tua,
Obrigar-me á seguir-te, dominar-me,
Como a onda domina a praia nua.

Si consentisses que eu ouzasse ao menos
Diser-te — amo — estremecido, louco
Contar-te as magoas que meo peito oprimem;
Oh! me bastava sendo assim tão pouco!...

Me contentava com beijar a terra
Aonde os traços de teos pés ficassem;
Indagar o segredo de teos sonhos,
Guardar as flôres que teos pés fanassem;

Embalar-te á dormir sobre meo peito,
Pulsar a lyra á enebriar teo somno;
Acordar-te com a voz de meos suspiros
Como a roula com as brisas do automno;

Sorprehender-te confessando as auras
O misterio que occulta os teos amôres,
Sentir a brisa te roubando beijos,
Ver-te detarde enamorar as flôres;

Me prostrar a teos pés, chamar-te minha,
Em teos labios depôr ardente beijo,

Abraçar-te rendida ás minhas fallas,
Minha razão perder n'este desejo...

E depois, tu e eu, o mundo longe
Não nos viria perturbar o amôr;
Estremecendo nos teos beijos — fôgo —
Estava extincta toda minha dôr!

Adormecera nos teos braços sempre
Me embriagando nos olhares teos;
Tu, minha vida, minha fé, meo culto,
Depois de ti adoraria a Deos!

Mas tu passaste como a luz fugace
E não me viste me rojar no pó :
Corre ligeira, eu ficarei ao menos
A contemplar-te na lembrança, só.

E si encontrares outra vez um ente
A quem tu viste sem querer olhar,
Dá que elle nutra uma esperança vaga
Olha, sorri-lhe, se outra vez passar.

Junho de 1861. Rio.

NÃO SENTES?

N'as-tu pas, me dis-tu, dans ton cœur jeune encore
Quelque chose?...

V. HUGO.

Não sentes, oh virgem, no peito à florinha

De amor vicejar?

Acaso é possível que assim tão formosa

Não possas amar?!

Teo peito de virgem tão jovem ainda

Não sentes bater?

Palavras sagradas que o peito articula

Não ouves diser?

Em cada palavra não lés um poema

De vida e amor;

Não sentes na alma, tão bello perfume
Que exhala esta flôr?

Tão bella, tão moça, tão cheia de graças,
Tão fria tambem;
A flôr é mais bella si grato perfume
Nas petalas tem !

Quem foi que a descrença plantou em teu peito
Tão cêdo, mulher? !
Não sabes que, amando, nas ancias da morte
Se pode viver? !

Nas horas da tarde de amôr nas doçuras
Não sabes pensar?
O canto que entoão as almas que creem
Não sabes cantar?

Que estrella maldita tiveste por guia
Na vida que tens? !
Que assim te prohiu de amôr que desfructas
Os sonhos e bens?...

Teo peito de virgem não tem uma fibra

Que possa vibrar?

Aonde esse grito partido da alma

Se vá echoar ?

Tão bella, tão moça, tão cheia d'encantos

Já morta porem;

Não sentes no peito nascer a ventura

Que a vida contem !

Maldiz essa éstrella que assim apagou-te

Na alma o amôr;

Acaso não sentes morrer a esp'rança

Da vida no albôr ?

Mulher, tu não sentes no peito a florinha

De amôr florescer ;

Não sentes, não amas, procura o sepulchro,

Mais vale morrer.

Outubro de 1859. Bahia.

NA HORA DE MORRER

Au banquet de la vie infortuné convive,
J'apparus un jour et je meurs.

GILBERT.

I

Como a luz que se extingue á pouco e pouco
Assim do peito se me apaga a vida,
De perto a campa se me antolha horrivel
Da morte a fouce sobre mim erguida !

Que noite fria, que phantasmas negros
De pé em roda de meo leito eu vejo,
E, moribundo, n'agonia extrema
A fria pedra do sepulchro beijo.

Como o som derradeiro de uma harpa
Que o vento a noite pelos ares sôme,

Nesse meo respirar tão compassado
A existencia inteira se consôme.

Inda hontem vivi, saudei a aurora,
Rizonha, bella, seduzindo as flôres,
A natureza como tinha encantos !
O sol nos raios dardejava amôres !

Ouvi os thrinos da queixosa rola,,
E pizei a verdura da campina ;
Vi o lyrio boiando no regato ;
Quebrei os ramos da gentil bonina.

Quanta esperanza que eu então nutria,
Quanto sonho feliz, quanta ventura !
Hade tudo'isso adormecer commigo,
Quando logo eu tomba na sepultura !

Amanhan vou morrer, oh ! si eu pudesse
Sonhar ao menos salvação possivel !
O dia foi tão lindo, tão luzente,
A noite sim será escura, horrivel !

Quanta couza aspirei, amôr, delicias,
Venturas, mimos de rizonha sorte,
Um nôme, a gloria, as ovações do povo,
Em vez de tudo só terei a morte !...

Na ideia de Deos que é tão clemente
Inda ousou esperar algum conforto ;
Talvez possa viver, quem sabe? digo,
E o campanario me responde — morto !...

II

E' tão dôce viver, tem tanto encanto
Contemplar demanhã a luz do sol,
E ver de noite o branqueiar da lua,
Os cantares ouvir do rouxinol;

Na primavera festejar as flôres,
Ver suas folhas rarear o vento,
Adormecer na hora do crepusc'lo,
Affagando de amôr um pensamento ;

Embalar-se nas aras da esperança
Escutando de alguém algum segredo,
Beijar o collo da mulher amada,
Sentir seo peito palpitar de medo ;

Esquecer-se de si, viver ápenas
Nesse enleio feliz do coração ;
E si nunca se amou, si o peito é virgem,
Esperar o nascer de uma paixão !...

III

Que diz o sino que lá geme ao longe,
Tetrico, triste, no dobrar pauzado ?
Elle pede ao christão que ainda o ouve
Uma prece pela alma do finado.

Meo sonhar, meo querer, minha esperança
Amanhan eu terei perdido tudo ;
Minha estrella infeliz, e minha crença
Do meo leito de morte eu vos saúdo.

Si eu tinha de morrer, oh Deos dos mundos,
Para que me ensinaste á ser tão crente? !
Si tudo tem de terminar na morte,
Como é que te chamão Deos clemente?

Vinte annos, Senhor, com tanta vida
Ver a morte velar-me á cabeceira;
E depois junto a cruz de meo jazigo
Hade ápenas rolar uma caveira!...

IV

Como é triste morrer assim tao cedo,
Na flôr da mocidade;
Ter sonhado um porvir cheio de flôres,
E ver a eternidade !

A vida tem perfumes que deleitao,
A morte faz horrôr !
Trocar a mocidade pela campa
Sem ter gozado amôr !

Viver ! como é tão bella essa palavra,
Cheia de tanto enleio ;
Como o hymno innocente que ressoa
Das aves do gorgueio !

Sou tão moço, meo Deos, podia ainda
Esperar um porvir,
Enfeitar minha fronte de capellas,
E a vida me sorrir !

N'uma estreita mortalha branca e fria
Tão cedo me envolver !
Eu que nunca libei um beijo casto
De uns labios de mulher !

Apartar-me de tudo, ir esconder-me
Em frio mausoleu ;
Tão moço como a ave que, inda implume,
As azas não bateu !

A vida me afagava nos seos rizos,
Me ensinava a cantar ;

O sepulchro se abre triste e mudo
E nelle vou tombar !

E meo futuro me offertava flôres,
Tão rico de promessa ;
E só topo cyprestes e saudades
No pedestal da éça.

O horizonte se expandia cheio ,
De tão rozada luz ;
Amanhan ! só um cirio amarellento
Me alumando a cruz !

Julho de 1861. Rio.

OH! NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM

Malgré toi tu t'en souviendras.

ALF. DE MUSSET.

E' tempo, a hora marcada

Para te ver separada

Ha muito que já soou;

E echoando nos ares,

Nuncia de duros pezares

Em minh' alma se callou !

E' tempo, nem mais um' hora

Meo peito que afflicto chora

Esse destino cruel,

Pode fallar-te dos gozos
Desses dias tão ditozos
Que acabão tinctos de fel ;

Tinctos do fel que, perjura,
Esquecendo a tua jura,
Hôje me das a beber ;
No hôrto de meo tormento
Cresça mais um sofrimento
A' força de teo querer !

Não penses que te maldigo.
Ao contrario te bemdigo
No passado que gozei ;
Quando eras tu meos amôres
A vida como era flôres !...
Tu bem sabes si eu te amei !

Si eu te amei ? ! que te responda
O proprio fragor da onda
A quem disse este segredo ;
Que o diga o vento zunindo,

Mil endeixas repetindo
A's folhas do arvôrêdo ;

Que o digão do prado as flôres .
Si eu te votei meos amôres
Digão as nuvens do céu ;
E as estrellas luzindo,
Que me escutarão carpindo
As ancias do peito meo !

Se eu te amei ? ! tu bem sabias
As vezes quando me ouvias
As fallas do coração ;
Quando coravas de peijo,
Si ousava roubar-te um beijo
Que me negavas então !

Si eu te amei ? ! que o diga a lua
Que banhava a face tua
Naquella noite tão linda ;
E tudo durou tão pouco,
Oh ! eu te amei como louco,
Nem sei se te amo ainda !

Hôje que um genio maligno
Mudando o nosso destino
Seo joguete me tornou,
Eu só te peço que ás vezes
Ou feliz, ou nos revezes
Não esqueças quem te amou.

Tua corôa de virgem
Que em toda louca vertigem
De meo amor respeitei,
Esse que vae possuir-te
Nos beijos que vae pedir-te
Vae despencal-a bem sei.

Mas quando nos braços d'elle
P'ra onde o amôr te impelle
Tu dormires bem feliz,
Que te recorde á lembrança
Uma tão louca esperança
Desse que não te maldiz.

E procures cautelosa
Que tua alma bondosa

Me dedique um pensamento,
Que em teu coração mudado
Reviva todo um passado
Que faz hõje o meo tormento.

Quando abrasada em desejos
Adormecêres nos beijos
Que teu espôso te dêr,
Nos gozos desta ventura
Dos protestos na ternura
Oh ! não me esqueças, mulher !...

E se souberes um dia
Que em minha lenta agonia
Eu tive de succumbir,
Qu'esse que amou-te perdido
E um dia foi esquecido
Tem deixado de existir ;

Uma c'rôa de saudade
Como penhor de amizade
Pendures em minha cruz ;
E um suspiro sentido

De teu coração sahido
Bruxuleie a minha luz.

E uma lagrima bem pura
Na pedra da sepultura
Tambem se va derramar,
Mas isso seja escondido,
P'ra que teu feliz marido
Não te veja me chorar.

.

E depois uma oração
Nascida do coração
Tu possas rezar assim
Nos teos momentos ditosos
Entre venturas e gozos.
Oh ! não te esqueças de mim !...

Abril de 1861. Rio.

CANÇÃO DO EXILADO

Quero ter a paz da morte
Lá onde eu fui infeliz.

O AUTHOR.

Si eu tiver de morrer assim, tão cedo,
Na flôr dos annos meos,
Que seja ao menos nos meos patrios lares,
Permitti, oh ! meo Deos !

Longe da patria, n'um torrão estranho
A morte custa mais;
Por que não temos quem conosco sinta
A dôr de nossos ais.

Lá onde eu tive meo primeiro sonho,
Meo primeiro sentir,
Eu tambem quero no murchar da vida
Socegado dormir.

Ali pela primeira vez na vida
Eu vi o sol brilhar,
Antes que eu morra quero vel-o ainda
A frente me queimar.

Lá onde a infancia me surriu ditosa
E eu brinquei com as flôres,
Tambem quero sentir da vida de homem
Seos estragos e dôres.

Quando aqui eu sofrer da dôr os tranzes
Ninguem se dôerá;
Si eu tiver de morrer, sou estrangeiro,
Ninguem me chorará.

E nos meos lares quando a febre intensa
Da morte me queimar,

Acharei peitos onde possa ao menos
A fronte descansar.

Aqui si da molestia nos tormentos
Um caldo apetecer,
Talvez que só o tenha frio, amargo,
A' não poder beber.

Em quanto qu'entre os meos, no lar paterno
O que eu desejar ter
Não me darão por caridade e pena,
Por amôr hade ser.

Si eu tiver de morrer assim, tão cêdo,
Na flôr dos annos meos,
Que seja ao menos nos meos patrios lares,
Permitti, oh ! meo Deos !

E' lá que eu tenho os entes tão queridos
Deste meo coração,
Minha mãe, minha irman, tudo que amo.
Nada tenho aqui, não.

Quero morrer no meio dos amigos,
A' vista de meos pais ;
O meo sepulchro quero em minha terra,
E' isso e nada mais!...

E' tão pouco, meo Deos, quanto vos peço,
Que assim esperarei ;
Lá despertei na vida, e lá da morte
O somno dormirei.

Si eu tiver de morrer assim, tão cedo,
Seja nos lares meos,
Por que me banharei em pranto amigo
E subirei aos céos.

Fevereiro de 1860. Rio.

NOITE DE CHUVA

I

Que chuva, que vento, que noite de trevas,
Que rouco alarido das ondas no mar !
Rugindo nos bosques parece que o vento
Senis arvôrêdos pretende quebrar !

Torrentes de agua cahindo das nuvens
Parecem a terra querer inundar ;
Rompidas mil bocas de mil catadupas
Não vejo quem possa fazel-as parar.

O mar se extorcendo no dôrso da praia
Batendo na rocha pretende-a fender,
O vento empurrando-o de novo p'ra longe
Obriga-o submisso na praia á morrer !

O céu enrolado de nuvens de chumbo
Nem uma estrellinha consente luzir ;
A lua, que sempre se mostra brilhante,
Agora nas trevas se foi encobrir.

Que chuva, que vento, que horrivel tormenta,
Que rouco alarido das ondas no mar ;
A agua e o vento raivozos bramindo,
Que lucha renhida se ouve lutar !

II

Talvez co'esta noite
Da chuva ao açoite
Um pobre pernoite
Nas ruas coitado ;
De frio tremendo,
De dôres gemendo,

De fôrme morrendo,
Talvez, desgraçado !

Em quanto a riqueza,
De escarneo á pobreza
Do frio a dureza
Não saiba sentir;
Pois, acobertada
Em rica pouzada,
Da chuva a rajada
Não ouça zunir ?

No mar furioso
Bramindo raivoso
Talvez desditoso
Navio á vogar ;
E seos marinheiros,
Valentes guerreiros,
Com taes nevôeiros
Não possam lutar.

E o pobre soldado,
Co'a arma abraçado

De frio gelado
Lá jaz á velar ;
E si na guarita
Ligeiro dormita
Um outro que grita
O faz acordar.

Agosto de 1859. Bahia.

TRAVESSA

Que fais-tu, fleur des amours?

V. HUGO.

Quando o sol declina á tarde
Lá por detraz dos rochêdos,
E quando nos arvôrêdos
A brisa vem se enlaçar,
A's vezes venho roubar
Da natureza os segrêdos,
E ouço sobre os pênêdos
Da andorinha o cantar.

Porem sempre, á essa hora,
Quando vão os passarinhos

Voando para seosinhos;
Vejo ao longe, dôcemente
Recostada lindamente
Em su'alva, linda mão
A virgem dos meos amôres,
Dona do meo coração.

Depois caminha engraçada,
Entre alamêdas de flôres,
E vae gozando os odôres
Qu' ellas derramão no ar;
Corta uma rosa, desfolha,
E para seo calix olha;
Depois de vel-o despido
Ri-se, sacode o vestido,
E vae outra flôr cortar.

Não faças assim, oh! virgem,
Não desfolhes tantas flôres,
Se tu não sabes as dôres
Que elles devem de sentir;
Busca um brinquêdo mais santo,

Não vás matando o encanto
Dessas flôres tão formozas;
Mas ella despenca as rosas,
Oh ! sim, não me pode ouvir.

Abril de 1860. Rio.

NO ALBUM DA EXCELLENTÍSSIMA
SENHORA D. C. P. PEIXOTO NETTO

Outr'ora venturozo nos assômos
De meiga poesia,
Eu sabia entoar canções queridas
De suave harmonia.

Quando eu era feliz, quando fallava
A voz do coração,
Meos versos traduzião puro enlevo
Da ventura de então.

Hôje porem, que, victima do mundo,
O brinco d'elle sou,

Esses cantos me trazem a lembrança
Do tempo que passou.

Porem tu vales de minh'alma um esforço
Voando livre para um céu bem puro,
Aonde affague entre esperança e sonhos
Lindas promessas de feliz futuro.

Deos que fadou-te divinal e pura,
Cheia de graças, de um sorrir celeste,
Tambem permitta que teos dias passem
Sem ter da dôr o horrido cypreste.

Seja-te a vida um vicêjar perenne
De enebriantes, perfumadas flôres,
Sonhos apenas, que o sonhar traz gozos,
A realidade só encerra dôres.

Quando deste album revolvendo as folhas
Onde palavras soltas escrevi,
Lembra-te ao menos deste pobre errante
Que um nôme apenas imprimiu aqui.

1860. Rio.

MENINA E MOÇA

Tout finit,
Tout passe !
V. Hugo.

I

O tempo como corre ! ? e no seo curso
Que novas scênas, que mudanças faz !
Deixa o passado na mudez dos annos
Ingrato sempre que presentes traz.

Tudo elle muda ; nossa vida é sempre
Um quadro vivo de recentes côres ;
A manhan que mil flôres desabrocha,
A tarde que despenca as mesmas flôres.

Na mulher elle muda seus encantos,
E outras affeições acorda n'ella;
O tempo é o tufão no oceano,
A vida é o correr de cheia vela.

Depressa elle nos mostra novos annos,
Novos prazeres, novas esperanças;
E na memoria, de passadas eras
Só nos deixa saudades e lembranças.

Elle impassivo nossas crenças muda,
E nos leva á correr novas idades;
Quando tentámos abraçar os sonhos
Só podemos sentir realidades.

Elle tira a menina da innocencia
E faz d'ella a mulher que o mundo affaga;
Da mocidade elle descora os rizos,
E suas crenças co' a velhice esmaga.

II

Como mudou-se tão depressa tudo!
Como se foram tantos annos já!

Ha pouco ainda te embalei menina;
Agora, moça, quem te embalará?...

Hontem tu eras a criança linda
Que eu ensinei á repetir — papai; —
E hoje a moça que o pudôr recata
Tão santos nomes ensinar quem vai?

Se tu choravas, te enxugava o pranto,
Nos teos sorrisos minha paga eu tinha;
Eras menina, segurei teos passos,
Se tinhas medo de correr sosinha.

Memina, te apertei sobre meo peito,
Brinquei contigo, te enfeitei de flôres;
E's hoje a moça que o presente adora,
Que só deseja se adornar de amôres.

Como queres ainda que eu te abrace,
Si já és moça, si de mim tens pejo?
Menina — com mil beijos te acordava,
E moça, não te posso dar um beijo!

Tu bem sabes que o tempo não tem pena
De nos ver separados hoje assim;
Menina — eu te bejei os lábios puros,
E moça o mundo te arredou de mim.

E, pois, que tudo muda, tudo passa,
Teo tempo de menina já passou;
Nunca mais ter-te-hei sobre meo peito;
Deves, moça, esquecer quem te embalou.

Então tu me beijavas innocente...
Que dias tão felizes esses dias!
Menina — me chamava teos amôres,
E moça — cumprirás o que disias?!

Não, tu es moça, tens belleza e graça,
Tens o mundo a teos pés, que mais esperas?
Hontem, menina, me affagaste; moça,
Não te devem lembrar passadas eras!

Trazes de moça as galas que seduzem,
Amôr no peito, n'alma a esperança;

Não te queiras lembrar d'aquelles tempos
Que eu velei os teos somnos de creança.

Menina e moça, a differença é muita,
Novas mudanças essa idade traz ;
Da menina só resta o esquecimento
De moça... que promessa tão fallaz !

.

O tempo muda tudo; nossa vida
E' sempre um quadro de recentes côres ;
A manhã que mil flôres desabrocha,
A tarde que despenca as mesmas flôres !

Agosto de 1861. Rio.

DESANIMO

J'ai fait taire mon cœur!

DE LAPRADE.

Em um tempo feliz quando julgava
Que esse mundo não fôra como é,
Acreditei nas gallas da ventura ;
E nellas mesmo procurei ter fé.

Era minh' alma um templo d'esperanças
Santificadas no altar da crença ;
Sorri a gloria, sem julgar que um dia
A suplantasse fria indifferença.

Julguei eterno o entreabrir das flôres,
De seos perfumes incensei a vida ;
Murchão as flôres ao cahir da noite
Tanta fragrancia como vae perdida !

Amôr, crei-o tão sublime e casto,
Como sonhara o infeliz Romêo ;
Adormeci-lhe sobre as azas brancas,
O Pelicano em lôdo se envolveo...

Era uma noite. Despontava a lua,
O seo clarão os olhos me encantou,
O coração de moço inexp'riente
Gemeu no peito, ingenuo palpitou.

« Ama, me disse n'um suspiro terno,
Que me alimento no gozar de amôr ;
Sorri, mancêbo, a vida te começa,
Abre a corolla do botão da flôr. »

Abre teo peito aos sonhos da ventura,
Perfuma a vida á myrrha do prazer ;

Os anjos cantão se o amôr lhes toca,
Com tanta vida por que ja morrer ? ! !

E amei uma vez ! Dos lindos sonhos,
A' que minha alma se entregou contente,
Nunca pensei que despertasse exausto
Sem fé, sem vida, mesmo até descrente.

Acreditei. Talvez si assim não fôra
Eu podera esperar pelo futuro,
Mas hoje busco as illusões e vejo
O horisonte limitado, escuro.

Tu, estrella, que tanto illuminavas
Meo caminho tão cheio de tórturas,
Por que enubbaste tua luz tão cêdo,
E me deixas em trevas tão escuras ? !

Tu, mulher qu'eu amei, e que podeste
O sacrario fechar de minha dôr,
Por que não completaste a tua obra ?
Que fiseste, mulher, de teo amor ?

Por que estremeces nesse rir convulso
Que o seculo depoz nos labios teos ?
Tu que sabias o innocente rizo
Com que aos archanjos mimosêa Deos !

Põe a mão em meo peito, bate, ouves ?
E' por ti tão sómente esse batido,
Não ensurdeças, vem ouvir ao menos
A historia que vae nesse gemido.

Oh ! si tu conhecesses como é grave
O perjurio, esse crime tão ingente ;
Si tu quisesses arrancar-me da' alma
Essa dôr tão profunda e tão pungente ;

Eu podera te amar.... Que fôra a vida,
Essa negra visão que nos persegue,
Senão essa luz pura e fulgurante
Que a estrella da Vespa sempre segue ? !

O mundo o que seria ? Um céu bem limpo
E despido das nuvens da desgraça

Um mar á reflectir pallida lua
Onde a tormenta á regougar não passa.

Como eu fôra feliz ! Eu poderia
Me levantar desse marasmo atroz,
E correrião placidos meos dias
A existencia resumida em nós.

Bem longe do rumôr do mundo incerto,
Embalada nas azas da esperança,
Eu creara um edem de puros sonhos ;
Nem teria, meo Deos, desconfiança.

Mas por que esperar ?... Se na ancia extrema
De um pobre coração que vae morrendo,
Elle não acha antidoto seguro
Contra o veneno que lhe vae roendo ? !...

Passai, sombras, passai, que o horisonte
Em que vos debuxastes é toldado ;
E o seculo que adora o scepticismo
Entre as victimas suas me ha contado.

O peito é bem vazio de esperanças,
Si o coração palpita é em segredo...
Os gemidos d' ess' alma eu os abafo;
Passai, sombras, passai, qu'eu tenho medo;

Abril de 1864. Rio.

ACROSTICO

A' UMA MENINA

Vinda na innocencia
De tua vida de anjo,
Es florinha pura e casta;
Tinda és como um archanjo;
Vmanhan quando o zephyro
Tinda quiser te beijar,
Deixa ao menos essas folhas
Esse perfume exhalar.

Rio, de 1860.

QUERO

Quero ver os teos cabellos
Do vento ao sopro agitar-se,
Quero ver macia a brisa
Dentro delles enrolar-se.

Quero ver-te a boca breve
Rir um rizo de innocencia,
No teo rosto quero expressa
Ver de Deos a omnipotencia.

Quero ver teo casto seio
Bello de amôr palpar,

Quero que pr'a mim sorrias
Um surrizo d'encantar.

Quero, virgem, destes labios
De linda, de rubra côr,
Um rizo de meiga esp'rança,
Uma promessa de amôr.

1858. Bahia.

PARA SEMPRE

Une larme de toi, il est temps.

ALF. DE MUSSET.

Até que enfim desperto de meo sonho !
O quadro da illusão rasguei agora,
E vejo lá no fundo em negras côres
Se debuchar teo crime.

E quanto me custou ! quanto mais tarde
Essa hora soasse de ventura,
Mais havia crescer o amôr que eu tinha
Por ti, mulher fingida.

Agora que eu encaro o meo passado,
Como a sombra medonha de um espéctro,

Conheço quanto fôra descuidozo
Te amando tanto assim !

Era tempo de certo, já pezava
Essa dura cadeia de martyrio
Que me fazia escravo de una virgem
De marmôre talvez.

E como o passarinho que engaiolão
Para dar-lhe algum dia a liberdade,
As azas espaneja, vôa, canta ;
Tambem eu livre sou.

Mas não livre de todo, é meo fadario
Do passado ao futuro nutrir n'alma
As minimas raizes de uma planta
Que murcha sem morrer !

Amôr, fatal amôr ! Crença, esperança,
Tudo, tudo murchaste no meo peito,
Onde vae rebentar viçozo o germen
De aguçado penar !

Se algum dia pensasse que nos rizados,
N'essas fallas de amôr que te escutava,
Só havia mentir, de certo, eu juro,
Não te amaria tanto.

Oh ! si te amei !... nas horas do silencio,
Entre as sombras da noite, quando a lua
Surgia preguiçosa, tua imagem
Eu divisava sempre !

Oh ! si te amei !... quando de tarde
A brisa balançava os arvôredos,
Harmoniosa musica de amôres
Teo nome me dizia.

Oh ! si te amei !... Cada sorriso
Que ás vezes adejava nos teos labios,
Valia para mim uma promessa
De puro e casto amôr !

Oh ! si te amei !... tu mesma conhecias
Que as conversas que sempre me fallavas

Valião para mim como preceitos
Do sagrado evangelho.

E si te amei? ! e Deos que agora escuta
A confissão que faço tão ingennua,
Que responda si outr'ora te mentia;
Si mesmo agora minto.

E si culpa existiu, eu não te acuzo.
Criminoso fui eu, eu que atrevi-me
A' levantar meos olhos condemnados
Para mirar teo rosto.

Só te peço um favor; é que não digas
Quanto fui infeliz, é que não contes
A ninguém desse mundo si te odeio,
Nem tambem si te amei.

E si tu te lembrares algum dia
De quem tanto te amou, nunca lhe negues
Por entre os rizados que teo rosto adornam
Uma lagrima só !

Outubro de 1860. Rio.

NÃO VAS!...

Ne laissez pas jaillir tous vos boutons vermeils
Que le froid ne s'achève.

DE LAPRADE.

Onde vaes tu que não sabes
O teu destino qual é;
Tu que me dês a ventura
Pelos quilates da fé? !..

Tu que ainda não conheces
O negro drama da vida,
Onde vaes tu, leviana
Por esse mundo perdida?

Aqui, nos lares paternos
Tu és querida dos teos,
Não vás perder teos encantos
Por sob estrangeiros céos.

Talvez só e sem arrimo
Por esses mares alem
Braço a braço co' o destino,
Quem te hade salvar ? diz ! quem ?

Aqui a brisa que sopra
Te ensina fallas de amôres,
Longe o vento da desgraça
Talvez só te traga dôres.

Não vas, não vas, ao destino
Tu não debes afrontar ;
Aqui vives entre rizados,
Longe terás de chorar.

Si deixas esses desvellos
Que por ti fazem teos pais,

Si vier o arrependimento
Hade ser tarde de mais.

É de mais. Em outros climas
Não poderás vicêjar;
Tu nos tropicos nascida
Não vás no gêlo habitar.

Alem sosinha no mundo
Que venturas podes ter?
O rigor d'esse teo fado
Não podes arrefecer.

Encontrarás os espinhos
Do sofrimento e da dôr,
Em vez de macias folhas
Embalsamadas de amôr.

Não vás, não vás, ve que longe
Tu terás prantos e ais,
O escarneo do destino,
O sepulchro e nada mais!...

Dezembro de 1860. Petropolis.

EU

Je m'évanouis comme ces vapeurs
que dissipent les vents.

OSSIAN.

I

Debaixo das ondas do mar procelloso
Que bate raivoso nos pés do rochêdo,
Se occulta de areia graosinho sumido
Que passa escondido vivendo em segredo.

A' onda que o leva no meio da escuma
Piedade nenhuma de certo elle faz,
E mesmo ignora que é elle arrastado,
Com ella empurrado a onda que o traz.

No meio da matta que as nuvens lancéta
Minguada, discreta plantinha vicêja,
As gotas de orvalho não vem refrescal-a,
A sombra á malal-a, nem zephyro a beija.

Porem quando os ventos lá vem desabridos
Os troncos crescidos da matta quebrar,
E' sempre a plantinha primeiro a lascada,
E vae na queimada mais cêdo acabar.

E, eu, o impellido das turbas que paixão,
Por mais que ellas fação não posso parar;
De ante o futuro na campa prostrado
Detraz o passado de negro chorar.

E eu, esse grito perdido no espaço,
Que lucto no braço de intima dôr,
Lobriço bem perto sorrir-me a desgraça,
Na vida que passa com tanto amargôr.

Depois de esvaído nas luctas da sorte,
Nos braços da morte terei de dormir;

E sobre meo corpo na campa cahido
Nem um só gemido terá de se ouvir.

E rio esse rizo de uma alma descrida,
Fanada, batida, sem laivos de fé;
Cahi, e na queda rojei meo futuro,
Das trevas no escuro me erguo de pé !

Sou cynico, é certo, não digo que mentem ;
Si é que os que sentem como eu tal martyrio,
Só achão no mundo que os olha indif'rente
O escarneo da gente que os léva ao delirio.

Sou cynico, disem ; do escarneo o veneno
Que roe-me sereno foi quem fez-me assim :
Si em tudo me rio, si não desespero
E' mesmo que quero que esqueção de mim.

II

. Qui suis-je ?
Atome dans l'immensité,
Minute dans l'éternité.

LAMARTINE, *Harmonies*.

Eu quem sou?... esse jôgo continuo
De diversos embates e dôres;
Como a rôla gemente dos bosques
Cahirei á cantar meos amôres.

Eu quem sou? uma folha mirrada,
Que se envolve da terra no pó,
Peregrino que sonha venturas
No deserto á vagar triste e só!

Eu quem sou?... de uma luz que se extingue
O lampêjo de raio final;
E ousei esperar que o futuro
Terminasse tão horrido mal.

Eu quem sou?... um batel que sem leme
Affrontar tenta horrendo tufão,

Condemnado á soster-me nas ancias
Desse meo infeliz coração.

Eu quem sou?... uma sombra erradia,
Um phantasma de negra tristeza,
Caminheiro que os pés já lhe sangrão
De passar por tão impia deveza.

Sou a nota perdida nos echos,
Flôr maldida que nunca viçou;
Brando vento que as outras beijava
Fugiu d'ella, sorriu e passou.

Eu não tive uma esp'rança benedicta
Que em meos sonhos viesse affagar-me;
Me deitei nas areias da praia,
Sem que a onda viesse beijar-me.

E amei... nesse amôr abraçado
Vizei glorias, venturas sonhei;
Meo futuro, meo mundo, a existencia
Resumi n'esse anjo que amei !

Mas um dia, o estampido do mundo
Desse somno me fez acordar,
E meos olhos abertos só virão
Genio máo sobre mim se agarrar.

E mais longe o escarneo das turbas,
Um cortêjo de penas tambem ,
Negro espectro da morte da campa
A olharme, e sorrir-me d'alem.

. ,

A morte e o nada,
O pó do mausoleu !

C. RRANCO.

Sou medonha e senistra caveira
Que amedronto a quem tenta me olhar;
Foragido que um dia apartou-se
De seo céo, da familia e do lar.

Sou o galho de um tronco lascado,
Terra onde o vulcão rebentou ;
Hoje vivo á lembrar o passado,
O futuro dirá que mais sou !

Junho de 1861. Rio.

NUVEM BRANCA

A' MINHA IRMAN

D'où viens-tu?... Où vas-tu?...

E. PELLETAN.

E' detarde. Branca nuvem
Caminha errante no ceu ;
Tão alvacenta penugem,
Nuvemsinha, quem te deu ?
E's branca como a esperança,
E's um sonho de criança
Que no berço adormeceu.

Por que vens sempre á tal hora
Poizar-te neste lugar
E quem teo rosto descora ?

Quem te ensinou á scismar ?
Tu vens sempre vaporosa,
A' tardezinha medrosa
De tão longe me encantar.

De onde vens ? onde vais ?
Nessa indolencia constante,
Que destino que levais
Por esses ares errante ?
Tu fallas tanto de amôres ;
Porem que pallidas côres
Eu vejo no teu semblante ? !

Eu sei quem és, não m'o negues;
Eu te recordo mui bem,
Continuamente me segues
Vinda dos lados de alem !
Tu vens hoje desmaiada,
De caminhar já cansada
Novas trazer-me, de quem ?

Sosinha por sôbre os mares
Que noticias vens trazer-me ?

Vieste lá dos meos lares,
Que limbranças vens diser-me ?
Me responde francamente,
Como ficou tanta gente
A quem aprouve esquecer-me ?

Tu viste lá minha irmán ?
Minha mãe não te fallou ?
Nunca ninguém demanhan
Meo nome pronunciou ?
Ella, a virgem que eu amava
Nunca de mim te fallava ?
Que segredos te contou ?

Esqueceu-me ? tem razão :
Mesmo assim devia ser.
Nuvemsinha, a ingratidão
E' cauza de meo sofrer.
Pagou bem tantos carinhos.
Co' esta corôa de espinhos
Que faz meo sangue correr.

II

Minha nuvem, vae correndo
Nos meos lares descansar ;
Qu'eu ficarei á chorar
O meo destino cruel ;
E essa taça de fel
Que meo peito envenenou,
Sobre tantas esperanças
Foi ella quem derramou.
Mas de meo leito de dôres
Sob o crepe do tormento,
Quero ainda lindas flores
Espargir sobre seo chão ;
E tu, oh, nuvem querida,
Te peço por piedade,
Leva-lhe minha saudade,
Leva-lhe meo coração ;
Dise-lhe quanta lembrança,
Quanto amôr, quanta esperança
Ella um dia destruiu ;

Qu'eu nunca amaldiçoei-lhe,
Que até mesmo perdoei-lhe
O voto que me trahi.

E si vires minha mãe,
Tambem lhe falles do filho
Que segue espinhoso trilho
Por sob céos estrangeiros ;
E que guardo na memoria
Aquelles cantos queridos,
Que acalentarão os vagidos
Daquelles tempos primeiros.

Minha irman dá-lhe um abraço
Bem apertado á teo peito,
Ella foi a companheira
• De um tempo que está desfeito ;
Beija-lhe a fronte innocente,
Que já beijei tão contente,
Nos meos brincos de creança.
N'esses tempos tão felizes
De que nós falla a lembrança.

Branca nuvem, meos segredos
Disse-os todos nesse ai ;
Não tardes, vae lá contal-os :
Oh ! nuvem, depressa, vae !

Agosto de 1861. Rio.

POR QUE SOU TRISTE

. Sim, que ha dôres
Que despertão na alma essa harmonia,
Accorde som de angustias que solução
No seio da poesia!...

C. BRANCO.

I

Quando nas horas mortas do silencio
Em que á meditação se não resiste
Entre os mil pensamentos que me assaltão,
Busco sempre saber porque sou triste ? !

E' nessa lucta interna de minha alma
Ella mesma indagando seo segredo,

Que eu a vejo curvada á seos pezares,
Como ao vento se curva o arvôrêdo.

Leio nella estampada em lettras negras
A palavra fatal de minha sina,
Tinho medo de mim, só me sustenta
A resignação que Deus ensina.

A resignação... esse conforto
Unico talvez no meio da desgraça,
Isso que salva o destemido nauta
Quando a tormenta rebramindo passa.

Desse livro fiel da propria alma
Onde vou traduzir o meo martyrio,
Cada folha que leio me horroriza;
Temo mesmo não caia no delirio.

Eu que desde o nascer não pude nunca
Saber por mim em que o prazer consiste,
Por entre os gozos que este mundo incantão
Busco sempre saber por que sou triste?!

II

Porque sou triste ? que o responda o mundo
Que até hoje não vio-me em seo festim,
Que talvez saberá que eu habitei-o
Quando do sino a voz sôar por mim.

Que respondão talvez esses que vivem
Dos prazeres da vida enfastiados,
Emquanto que eu ludibrio do destino
Carrego a negra cruz dos desgraçados.

Como é bom ser feliz, nutrir no peito
Essa chamma sagrada dos amôres,
Respirar um aroma de venturas,
Sonhar prazeres, caminhar por flôres !...

E não como' eu, o filho da desgraça,
Guiado sempre do tormento á luz,
Pizar espinhos, não sonhar amôres,
Trilhar a estrada que ao sofrer conduz!

O mundo ri-se no prazer nas gallas ;
Como um rico encarando seo erario,
Só eu conheço que vivi, que existo,
Porque já tenho meo mortal sudario.

Dos homens, disem, que se muda a sorte,
Não sei tambem se esta mudança existe ;
O que é bem certo é que estas esperanças
Não me alimentão; *é porque sou triste !...*

1861. Rio.

SENHOR LANDULPHO MEDRADO

**AO Sr. Dr. JOAQUIM JERONIMO FERNANDEZ
DA CUNHA**

Sunt lacrymæ rerum.

VIRGILIO.

Perfice gressus meos sennitis tuis.

Ps. xvi.

**Ao sopro infrene do tufão irado
De altivo cedro o ramo desfolhado
Fraco se quebra e as areias beija;
O leão da floresta destemido
Por sob o ferro exangue, e abatido,
Geme e arqueija !**

**O condôr que nas nuvens esvoaça
Fendendo os ares sobranceiro passa,**

Por altas regiões sumido vae ;
Porem si o caçador sem piedade
As azas lhe ferio, da immensidade
Inanimado cae.

Assim elle cahiu; cedro gigante,
Condôr altivo no voar constante
Que o caçador matou ;
E foi dormir o somno de finado
No cahos do sepulchro descambado,
Aonde tropeçou.

Assim elle cahiu; cheio de vida,
Aguia que um dia audaz e atrevida,
Havia de fitar do sol a luz ;
Era longo o caminho do futuro,
E o crepe da morte fel-o escuro,
E lhe mostrou a cruz !

Assim elle cahiu; sol rutillante,
Que alumiaava o dia no levantê ,
Mas que detarde se escondeu no mar ;

Guerreiro que uma bala disparada
Arrancou-lhe da mão a nobre espada,
Estando a pelejar !

Aquella fronte larga, e espaçosa,
Elle nunca curvou-a vergonhoza
Do arbitrio ao querer;
Jamais tergiversou de sua crença;
Por isso sempre olhou com indiferença
As gallas do poder.

Foi livre, pellejou por uma ideia :
Valente quebraria essa cadeia
Com que tentão prender o pensamento ;
Calcara o peito aos Phariseus, sicarios
Que dão, por governarem sedentarios,
A honra ao esquecimento.

Alistou-se soldado independente,
Por seo lado bateo-se nobremente,
E nunca se rendeu fraco, cobarde;
A penna sua espada, o campo imprensa,

A tribuna fuzil, labaro a crença,
E fim a liberdade.

Sua voz, qual bramir de tempestades,
Abalou cortezaos, disse verdades
De amargurado fel.
Amava o povo que nasceo do povo,
Foi da democracia audaz renovo,
Foi Armand-Carrel !

Ninguem o viu, traidor dos de seo lado,
Manchar a sua espada de soldado,
Onde o nome escreveo de liberal ;
Elle foi o terrôr do crêdo oposto,
E tinha, pobre e firme no seo posto,
A honra por fanal.

Do poder a seos pés jogarão ouro,
Mas elle escarneceu d'esse thesouro
Com que tentarão nodoar-lhe a historia ;
Mendigara talvez o pão do pobre,
Porem não dobraria a fronte nobre,
Fadada para a gloria !

A' voz terrivel do Senhor do mundo
Esse carvalho em cahos tão profundo
De rôjo se abateu...
E vós que lhe tivesteis amizade,
Entoai uma nenia de saudade
A' um grande que morreu.

Agosto de 1861. Rio.

MEO GEMIDO

O filho da amargura, as mãos minadas,
Erguendo para Deos, pede-lhe a morte,
Em fervida oração.

C. BRANCO.

I

Meo Deos, meo Deos, quão grave é minha culpa,
Que grande o meo sofrer !
Quão mesquinha tem sido a minha sorte,
Que triste o meo viver !

Não sei qual o destino que me espera
Ainda neste mundo ;
Sei só que o meo penar tem sido longo,
Bem negro, bem profundo !

Inda na flôr dos annos sou escravo
De bem cruel martyrio ;
A's vezes m'esquecendo de ser homem
Eu caio no delirio !

Maldigo então a Deos, mas é na phrase
Do pobre e opprimido,
Porem vem a ideia do futuro,
E fico arrependido.

Assim n'este lutar com tantas penas
Nao é possivel mais :
Não ha un echo ápenas onde sóem
Meos gemidos, meos ais.

Oh Deos ! pr'a que dotasteis vossos filhos
Do pensar, da razão,
P'ra depois entornar-lhes fel amargo
Por sobre o coração ?

Assim nunca será a vossa crença
De todos respeitada,

E vossa gloria de bondade eterna
Hade ser marêada.

E quando dos incredulos a hora
Soar do passamento,
Terão elles ainda o desespero
Do infernal tormento.

E esses qui nascerão para serem
Na vida bem felizes,
A's vezes quer na vida, quer na morte
Passão bem infelizes.

E tu, religião, que te banháste
No sangue do Homem Deos,
De balde busearás fazer sectarios
Nos malditos dos céos.

II

Perdoai-me, Senhor, si taes blasphemias
Eu ousou proferir ;

Pensei néllas achar suave alívio
A' meo duro sentir.

Meos lábios emudeção si de novo
Quiser balbucial-as,
E nunca eu possa as dôres de minha' alma
Ao menos consolal-as.

Mas vós, oh Creador, não sejais surdo
A' meos tristes gemidos;
A mim, e como á outros desgraçados
Não deixeis esquecidos.

Eu tenho uma vontade, uma esp'rança
Em que me arrimarei,
E talvez naufragando pelo mundo
Bem longe um dia irei.

Embora dos caprichos do destino
Seja o brinco infinito,
E não retumbem neste espaço immenso
Do infeliz um grito.

Eu sempre heide tanger em minha lyra
Hymnos ao Creador,
Em paga talvez tenha alguma hora
Consôlo á minha dôr.

III

Quanto sou infeliz, e desde o berço
Que tenho sido assim,
Ainda nao achei um' alma ao menos
Que se dêa de mim.

Si divisão nos labios meos um rizo
A's vezes adêjar,
E' porque mesmo nesse rir dos labios
Aprendi á chorar.

Não penseis que elle venha de minh' alma,
Oh ! nunca penseis, não ;
E' uma nova côr com que decóro
A dôr do coração.

Bem jovem ja libei na taça amarga
De envenenado fel ;

Si ainda não morri, conheço ao menos
A dôr a mais cruel.

Mendigo eu esmolei de porta em porta
O pão da caridade,
Sem nunca divisar n'uns labios d'homem
Um rir de piedade.

Os ricos só consõem seos dinheiros
Nos luxos e nas gallas,
Embora sua honra vá de envolta
No pó das proprias sallas.

Uma esmola não dão, e quando o fazem
E' só por galardão,
Porem sempre é preciso que o que pede
Se curve até o chão.

Mas eu, oh, nunca, não, o homem nobre
Que como eu pensar
Nem mesmo na miseria á esses fatuos
Saberá se curvar.

Levantará seos olhos lacrimozos

E os porá nos céos,

E sua alma de nobre não se avilta,

Por que verá a Deos !...

Novembro de 1860. Rio.

V E M

Vem commigo, anjo celeste,
Vamos viver no sertão ,
Onde se falla a verdade
Pela voz do coração;
Vem, sim, fujamos da côrte
Onde só reina a traição.

Não te queiras embair
Por este falso esplendôr,
Não queras ouvir protestos
De algum calculado amôr;
Aqui ri-se da desgraça,
E'-sé insensível á dôr.

Vamos viver na campina,
Onde vegeta a bonina,
Onde vinga o malmequer;
Aqui, no meio da Côrte,
Respira-se um ar de morte,
E não se pode viver.

Pela manhã quando aurora
Todo o prado illuminar,
Eu colherei lindas flôres
Para as tranças te enfeitar;
Nos campos sômos mais livres,
Seo ar vamos respirar.

Tu ouvirás as cantigas
Dos camponezes pastôres,
Onde elles disem aos echos
Os seos felizes amôres;
Oh, vem viver na innocencia
Acompanhada de flôres.

Deixemos da Côrte as sallas,
Evitemos suas fallas,

Fujamos de sua lei ;
Não queiras ser infectada
Pela aura envenenada
Que respira o pobre Rei.

Vem commigo para os campos,
Que lá podemos viver ;
Nessa vida de pureza
Nosso amôr hade crescer.
Lá nós seremos felizes,
Aqui, oh, não sei diser!

1860. Rio.

SÊ FELIZ

Vereis brilhar no céu lindas estrellas,
E rebentar do chão mimosas flôres.

Calabar (Drama do Dr. AGRARIO).

Sê feliz ! oh, vai-te, deixa-me,
Nunca mais te posso vêr;
Tu me lavraste a sentença,
Agora cumpre-a sofrer.

Tu mesma assim o quiseste,
Tu mesma qu'eu bem o sei;
Sê feliz ! oh, vai-te, deixa-me,
Eu nunca mais te verei.

Naquella hora solemne
Em que me juraste amôr,
Tu commettias um crime,
Afrontando a minha dôr.

Eu porem era innocente,
Ou me roubaste a razão ;
Sê feliz, oh, Deos l'o pague,
Tenho livre o coração.

Pelos caminhos da vida
Que vais agora trilhar,
Nunca te lembre o passado,
De mim não te ouses lembrar.

Vai-te, mulher, já rompeo-se
O laço que nos unia,
Foi a treva que sumio-se
Ao raiar a luz do dia.

Sê feliz, oh, Deos permitta
Que tudo te brote flôres;

De todo labio tu terás um canto,
Em todo peito encontrarás amôres.

E não te lembres de qu' existe um ente
Em cujo peito já reinaste só,
Pois este sceptro qu' empunhaste outr' ora
Jaz decahido no rasteiro pó.

Vai-te, mulher corrompida
Por vil, infame traição ;
Para ti guardo no peito
Uma eterna maldição.

.
Calla, meo coração, por que trahir-me
Calla no peito os transe do martirio ;
Deixa, perdes-te-a, que importa,
Si este amôr foi um delirio ?!

Só Deos sabe quanto sofre
Este pobre coração ;

Só elle, e mais ninguém saiba...

E' do crime a expiação.

Do crime, sim, que foi crime

Profanar meo santo amôr,

Sê feliz, porem te esqueças

De minha perenne dôr.

Sê feliz, oh, vai-te, deixa-me;

Eu não te quero mais ver,

Lavras-te a tua sentença,

Agora cumpre-a sofrer !

Abril de 1860. Rio.

MINHA INFANCIA

Arrastada na roda do tempo
Minha infancia, meo Deos, como vae!
E troquei de menino essas flôres
Pelo d'homem dorido esse ai;
Oito annos ! que tempo ditozo
Como foi que acabou pressurozo,
Esquecido de mim como vae !

Oito annos ! que quadra formosa,
Quem fanou a belleza da roza ,
Quem as côres roubou-lhe? quem foi ?
Ella murcha pendeo sobre a haste,

Minha infancia tão cêdo passaste,
Maldição... oh que Deos me perdoe!

Oito annos! não tem-se cuidados
Nesses tempos felizes, passados
Sem que ao peito nos rale uma dôr;
Nossa mãi nos adoça a existencia,
Nosso guia é a sua prudencia,
Nossa vida, meo Deos, uma flôr.

Eu brinquei nessa quadra querida
Sem lembrar os espinhos da vida,
Sem temer o incerto amanha!...
Acordava com os beijos d'aurora,
E correndo com os peitos de fóra,
Ia ao berço abraçar minha irman.

E com ella na horta correndo,
Mil florinhas diversas colhendo,
Capellinhas p'ra ella eu tecia;
E depois desse brinco innocente
Bem alegre, feliz e contente,
Eu com ella p'ra casa corria.

Oh! que tempo feliz! a creança
Tinha apenas a ingenua esperança
De correr, de dormir, de brincar;
Hoje o moço de magoas pungido
Só espera depois de um gemido,
Desengano, sofrer, e chorar!

Minha infancia! que aurora de flôres!
Eu brincava do sol aos rigôres,
Sem chapeo, co' os pésinhos no chão;
Me revia no meo papagaio,
E corria, meo Deos, como um raio
Ou ás vezes jogava o pião.

A' tardinha a palavra do sino
Convidava á rezar o menino,
Sua mãe lhe ensinava a oração;
E o perfume de sua innocencia
Lhe fallava de um Deos de clemencia,
Lhe fallava do Deos do perdão.

E passou como a voz no espaço
Esse tempo de grato sonhar;

Essa folha de um livro pegada
Quem foi que se atrevêo a virar ?
Foi o tempo que murcha a esperança,
Que desfaz a illusão da creança,
Que termina seo terno sonhar.

Arrastada na roda do tempo
Minha infancia, meo Deos, como vae,
E troquei de menino essas flôres
Pelo d'homem dorido este ai ;
Oito annos ! que tempo ditozo !
Como foi que acabou pressurozo,
Esquecido de mim como vae !?...

Outubro de 1861. Rio.

PESCADÔR

Pescadôr da barca bella,
Onde vaes pescar com ella?

GARRETT.

Estava o mar encapelado,
Bravo, irado,
Que a todos fazia mêdo;
Ia, e vinha furioso,
Irado, tempestuoso,
Quebrar-se contra o rochedo.

Ninguem ousava afrental-o,
Navegal-o

Ninguém queria também ,
Apenas quebradas tabôas
Sobre as agoas
Fluctuavão sem ninguém.

Os pescadôres sentados
E calados
Olhavão p'ra o mar assim ;
Nem cantavão seos amôres
Sem temôres
Ao som de seo bandolim.

D'entre elles derepente,
Afoutamente
Um mancêbo levantou-se,
Era seo resto morêno ,
E serêno
Para o mar encaminhou-se.

Fragil batel que seo era,
Bem podera
Ao mar assim não jogar ;

Porem elle, destemido,
Atrevido,
Mesmo assim quer navegar.

Os outros, admirados
E pasmados
De uma tal audacia assim,
Esquecerão tudo, amôres,
E temores,
Thé o mesmo bandolim.

E voltarão-se ao mancêbo
Que sem mêdo
Já navegava no mar;
Um delles, o mais idoso,
Pressuroso
Assim começa á fallar :

« Onde vaes tu, pescadôr ?
Neste mar tão agitado,
Em um batel já quebrado,
Onde vaes tu, pescadôr ? »

« Tu não temes a tormenta ?
Que vaes agora fazer,
Pescadôr, queres morrer ?
Tu não temes a tormenta ? »

« Olha, o céu está nublado,
Que vaes tu buscar no mar ?
Queres agora pescar ?
Olha, o céu está nublado. »

« Acaso perder tu queres
Os filhos, a chara esposa;
Pescadôr, oh tanta couza
Acaso perder tu queres ? »

« Vê o mar como rebrame,
Para que vaes navegal-o ?
Si morrer te cauza abalo,
Vê o mar como rebrame ! »

« Pescadôr, tanta ousadia
Olha, te pode perder ;

E tu não queres temer,
Pescadôr, tanta ousadia. »

« Si queres brincar co' as ondas
Ellas te podem tragar ;
Tu podes morrer no mar,
Si queres brincar co' as ondas. »

E o mancêbo remava
Em seo batel sem temer,
A tormenta era á crescer,
E o mancêbo remava.

Estando da praia longe
Elle deixou de remar,
Principiou a fallar
Estando da praia longe.

« Eu nunca fui pescadôr,
Jamais o mar afrontei :
Venho aqui carpir remorsos
Que tenho porque amei. »

« Da traição e da perfidia
Victima sou innocente ;
A mulher a quem amava
Trahiu-me cobardemente. »

« A' face de um céu de lua
Jurou-me constante amôr ;
Mentui-me na sua jura,
Que seo peito era traidôr. »

« Agora mesmo si forem
Ver o que se passa lá,
Todos sentireis commigo
A dôr que me matará. »

« Em os braços d'outro amante
Mais feliz do qu'eu o sou,
Hade repetir as juras,
Que á mim proprio já jurou. »

« Mulher, si só no inferno
Podesse occultar-me a ti,

Mesmo lá eu buscaria
Fugir de quem não fugi. »

« Homens, vêde, si esta vida
Assim se pode passar ?
Não pude viver em terra,
Procuro morrer no mar. »

E o mancebo remava
Thé que cançado parou ;
Uma onda furioza
Seo batelzinho tragou.

Janeiro de 1860. Rio.

VIVEU, CANTOU, MORREU

A' CAZIMIRO DE ABREU

Viveu como uma flôr tão curta vida,
Ou foi uma esperança fallecida,
 Ou sonho que acabou ;
Sem gozar dos festins que o mundo afaga,
Como um batel que a tempestade traga,
 Os dias seus passou.

Cantou suas passadas primaveras,
Tendo saudades dessas lindas eras
 Em que tudo é sonhar;

Seos pezares gemeu e suas dôres,
Esperanças cantou, cantou amôres,
Cantou o seu penar.

Morreu inda na flôr da mocidade
Entoando uma nenia de saudade
Por sôbre os sonhos seos;
Foi saudar nova vida, novo sol;
Subio inda da vida no arrebol,
Alegre aos pés de Deos.

Outubro de 1861. Rio.

A' IGNEZ FABBRI MULDER

Quero tambem, pobre vate,
Do mais mesquinho quilate
Do Eden da poesia,
Render um culto de gloria
A quem do porvir na historia
Renome terá um dia.

Eu que estou acostumado
A nunca ser aviltado
Por paixões de envilecer;
Que, na harpa de cantôr
Só busco tecer louvôr
A' quem julgo merecer.

Que não temo os maldizentes,
Essas almas vis, descrentes,
Que a verdade ousão negar;
Venho render um tributo
A quem digna reputo
De meo humilde cantar.

Um tributo santo e nobre
Que sendo de termos pobre
Tem o cunho da razão;
Tributo que me ennobrece,
Por que nelle mais florece
A voz de meo coração.

Quero cantar esse anjo,
Esse divinal archanjo
Que merece os hymnos meos;
Essa cantôra sublime,
Que em cada nota que exprime
Revella um canto dos céos.

Essa mulher tão fadada
Como linda madrugada

Ao nascer de um lindo sol,
Que nos cantos inspirados
Sabe imitar os trinados
Do saudoso rouxinol.

Ella que teve o presente
Desse dom sagrado, ingente
De uma meiga, bella voz ;
Cujos cantos de magia
Entre nuvens de harmonia
Forão ouvidos por nós.

Ella que, além de seo canto,
Desse dom sublime e santo,
Que lhe dêo a natureza,
Foi também presenteada
Por uma prenda adorada,
Essa prenda da belleza.

Tu, filha de Baviera,
Quem exceder-te podera
Nesse melifluo cantar?

Quem te excede em harmonia,
Quem te vence em poesia,
Si tu sabes encantar ?!

Ergue essa fronte de anjos,
Olha a patria dos archanjos,
Que é tua patria tambem ;
Quem na voz e na belleza
De ser anjo dá certeza,
Só nos céos o berço tem.

E possa meo rude canto
Revellando meo espanto
Thé o futuro viver ;
E cada palavra sua
Proclamando a gloria tua
Ignez Fabbri hade diser.

1857. Bahia.

EU AMO-TE

Amo-te como só sabem amar os desgraçados. O amor para os poderosos é um prazer de mais.....

GARRETT (*Sobrinha do Marquez*).

Eu amo-te, meo anjo, como as flôres
Amão a brisa que de tarde vem,
Como ama a rolinha o companheiro ;
Com o delirio de um amôr primeiro
Eu amo-te também.

Este amôr que é só teu, que a ti pertence
Como o perfume só pertence á flôr,
E' immenso, sublime, inextinguivel,

E vae se alimentando do impossivel ;
E' assim meo amôr.

Eu creio nas horas do silencio
Sozinho á conversar co' mo pensamento ;
Então eu divisava a tua imagem
Vaporoza passar como a miragem,
Fazendo meo tormento.

Quando cançado da illusão buscava
Meo corpo descansar no pobre leito,
Tu vinhas como a nuvem vaporosa,
Recostar tua fronte receosa
Sobre meo peito.

Eu erguia a cabeça desvairado ;
Buscava te abraçar, mas não podia ;
Dissipava-se a sombra nesse intuito ;
O prazer que eu gozava era fortuito
Que a sombra me fugia.

Si lasso de fadiga e somnolencia
Eu tornava meos olhos á fechar,

Um anjô debruçado no meo leito
Os braços me apertava sobre o peito
E vinha me beijar.

M' embalava á dormir o som de um canto
Se deslizando déntre os labios teos,
Tu velavas á minha cabeceira,
E do somno na hora derradeira
Me fugias, meo Deos.

Ao despertar de um sonho de ventura
Eu me achava no mundo triste e só,
E não tinha velando no meo dia
Quem ao menos dissesse si eu valia
A compaixão e a dó.

Uma noite sozinho co' o tormento
As palpebras cerrei angustiado,
O sonho começou, vieste bella,
Co' o pudôr innocente de donzella,
E ficaste á meo lado.

Pude então divisar as tuas formas,
Como nunca thé' hi tinha podido ;
E vi-te, eras o anjo da innocencia
Para os homens pedindo á Deos clemencia...
Fiquei surprehendido.

Lembrei-me que era um sonho tudo isso
Que feliz nessa hora eu contemplava ;
Todavia era um sonho de doçura,
Nao valia findar tanta ventura,
Que a mente me exaltava.

E com tudo acordei ; e junto ao leito
Nao pude mais a chara imagem santa,
Maldisse o despertar que tantas vezes
Me deo depois do gozo esses revezes
Onde alma se quebranta.

E corri muito mundo, apenas pude
Achal-o bem vario d'esperanças,
Repetindo comigo : imagem bella,
Si tu vives na forma de donzella,
Nao fujas, que me canças.

E cancei é verdade, o tirocinio
Era longo de mais e eu não podia,
Porem no meio delle tu estavas,
Que amoroza sempre me acênavas,
E eu verte queria.

Encontrei-te por fim, nunca foi sonho
A visão qu'ao dormir me rodeava;
Era sim a promessa de um futuro,
Que eu hoje encontro tão mimozo e puro,
De que eu desesperava.

Eu amo-te, meo anjo, foste a imagem
Que velaste na minha cabeceira,
E's a virgem que á noite no meo leito
Reclinavas a fronte no meo peito,
E's minha companheira.

Mas entre mim e tu, ahi vem o mundo,
E mais seos prejuizos sociaes;
Eu só posso, depois de tanta lida,
Que tanto fatigou a minha vida,
Amarte e nada mais.

Por ti eu trocaria esses anhellos
Dessa gloria que passa ouca e van;
Só quizera que um dia o meo destino
Concedesse que eu, pobre peregrino,
Te chamasse de irman !

1862. Rio.

NO ALBUM DE UM VERDADEIRO AMIGO

O DOUTOR F. OCTAVIANO

Quando a flôr transplantada do deserto
Onde só tinha areia, e sol e pedra,
Encontra a sombra amiga do arvôrêdo
Que lhe protege o viço, e um terreno
Onde possa medrar livre das rochas,
Bermdiz a mão do Eterno agradecida
No proprio vicêjar.

Assim eu como a flôr ia murchando
Ao calor da desgraça, e nem ao menos
A terra era propria ao meo viver ;

Mas encontrei-te em fim, e á tua sombra
Onde assim generoso me abrigaste
Evitando os escarneos do destino
Por certo heide medrar.

E, como a mesma flôr, agradecida
Permitte que eu bemdiga a arv're amiga
Que me quiz abrigar á sombra sua;
E não julgues porem que é momentaneo
O meo agradecer, pois quando um dia
Mais feliz eu o fôr, um grato amigo
Em mim has de encontrar.

1860. Rio.

AO D^r MANUEL JOAQUIM DA SILVA

LEGITIMO DEPUTADO

Pelo 4^o districto do Rio de Janeiro

. . . . Je vois sa noble tête;
Le peuple, fier de sa conquête,
Répète en cœur son nom chéri!

V. HUGO.

I

Senhôr, coragem, vencêdor banido
Nem por isso perdeste teos direitos ;
Eêcolhido do povo, tu o homem
Que nunca se aviltou, cujas ideias
De sempre convergirão para o povo ;

Tu que nunca bateste corrompido
A's portas do poder onde se assentao
Esses que se fizeram os asseclas
Dessa ideia immoral e degradante
Que tem por fim enriquecer do ouro
Amontoado com o suor do povo;
Tu que nunca beijaste os pés immundos
Desses bachás por vilania e crimes,
Que nunca transigiste infame, torpe,
Com teos principios, convicções e honra,
Que ouzavas esperar desses tartufos
A quem não sobe-lhe o pudôr ás faces ?...

II

Senhôr, coragem, vencedor co' o povo
Foste com elle dos arbitrios martyr.
Que ias lá buscar? ias sentar-te
Nessas mesmas cadeiras, onde elles
Costumao dormir com a consciencia !...
De certo não servias, qu'elles temem
Que alguém os possa despertar ouzado
Desse somno immoral onde elles sonhão

Co' a torpeza, com o vicio, e com o crime.
Que ias lá fazer? entre os regougos
Dessa Sodoma indomita no vicio?
Não desanimes pois, a gloria é tua,
Afrontas taes aos afrontados honrao.

III

Senhôr, coragem, a expressão do povo,
Seo voto voluntario, seos desejos
Elle sabe lembrar eternamente.
De balde taes mandões audaces tentão
Do povo as crenças dominar dest' arte :
Vergonha á esses pigmeos sem alma
Que não querem ouvir a voz do povo
Seos direitos sagrados conspurcando,
Quando profligão seo direito, e o roubão
Para seos sectarios contentarem.
Elles ganharão, por que não? si a honra,
Si a consciencia, si o dever, si os breios
Tudo foi esquecido neste empenho!
O que não calcarião esses homens
A quem o fôgo de paixões mesquinhas

Lhes corroe a alma, e educou-as
Ao principio da força e do arbitrio?....

IV

Perdoai-lhes, senhôr, o tempo muda,
Como elles mudão de pensar, de ideias.
Esse povo que sofre paciente
Recebendo nos faces taes injurias
Tambem hade deixar de ser escravo!
Esse dia virá... dia funesto,
Dia de glorias, sem perdões, sem penas.
O leão popular desesperado
Hade raivozo sacudir a juba,
Arrojando bem longe o peso infame,
De quem por vis acções se fez eterno.
Elle não hade se esquecer ness' hora.
« O que fizesteis vós dos meos direitos,
Como os zelasteis, hade perguntar-lhes :
Esse brio de homem, vossas honras,
Consciencia, deveres e vergonha,
Para que vos servirão n'outro tempo ? »

Elles humildes baixarão a fronte;
Do povo a execração sobre ella.

V

Senhôr, coragem, que o cahir é nobre
Quando taes entes nos preparão queda!
Contas se prestará de taes desmandos,
Que se hade escrever na folha negra
Da historia do Brazil, como vergonha
A' esses qui a encherão com seos nômes.

.
Desprezo á elles, esperança ao povo.

Maio de 1861. Rio.

SOBRE O TUMULO

DE LIBANIA CLEMENTINA

A tua' alma o céu dê paz.

BURGER, trad. de A. Herculano.

Tão cedo, tão moça, sorria-lhe a vida,
Corava-lhe as faces das rozas a côr;
E o peito convulso na voz dos suspiros
Disia-lhe amôr.

Tão cedo, tão jovem, nutria esperanças,
Sonhava venturas, amava o porvir;
Seos labios de virgem tremião nos beijos
De amêno sorrir.

Eu vi sua fronte cingirem capellas,
Seos olhos fallarem disendo paixão;
Sondei-lhe o segrêdo que tinha guardado
No seo coração.

O sôpro da morte quebrou-lhe a belleza,
Fanou-lhe esperanças, jogou-a na louza ;
Tão cêdo, tão moça, já pallida e fria
Na campa repouza.

Ella era tão pura, su' alma de virgem
Levarão os anjos, descança nos céos ;
Entôa entre archanjos no coro celeste
Hozanas á Deos.

Descança, coitada, que a morte livrou-te
De veres um dia de mundo os horrôres ;
Recebe esta nenia de angustias passada,
Tranzida de dôres.

Descança, romeira, no lar dos archanjos,
Cantando teos hymnos ao Deos das mercês.
Um dia verei-te ; mais tarde ou mais cêdo
Virá minha vêz !...

Outubro de 1861. Rio.

UMA LAGRIMA AOS MORTOS

NO DIA DE FINADOS

Memento homo quia pulvis
es, et in pulverem reverteris.

Genesis.

Geme triste o campanario
Nos chamando á oração;
Pezado, negro sudario
Nos comprime o coração.
Lembra-se o homem qu'ê nada !
Argila aperfeiçoada,
Que um dia se hade quebrar ;
Hoje se lembra o finado

Que no sepulchro rojado
Quem sômos nos faz lembrar.

O homem, fragil cadeia
Pouco á pouco á se partir ;
A existencia ! uma ideia
Que a mente vem consumir ;
Depois... horrivel verdade...
A campa, a eternidade,
Os goivos, as orações,
A caveira, a branca ossada,
Eis a lembrança deixada
Por extinctas gerações.

E o mundo ri-se envolvido
No manto da vaidade ;
Mas no ultimo gemido
Hade pedir piedade ;
E Deos que é justo, clemente,
Quando salva o innocente
Nao esquece o peccadôr.
A todos diz : eu perdôo,

Dos que errão me condôo,
Sou de todos redemptôr.

.

Mas todos passarão quaes viajantes
A quem a lei de Deos faz caminhar
E no fim da viagem titubantes,
Sobre a pedra da campa irão tombar.
E nunca saberão thé quando a vida
Seo sopro sostará estremecida
Nos enganos do mundo que nos trahe;
Porem logo depois do passamento
Se lê sobre seo triste moimento :
« Christãos, irmãos, rezai. »

Viverão como nós nos futeis gozos,
Nos prazeres que o mundo nos off'rece;
Dias tiverão tristes ou ditozos,
Agora se contentão de uma prece.
Choremos essas flôres que fanarão;
Rezemos pelas almas que passarão,
E que forão gozar do céu as luzes;

Choremos nosso Pai, e nosso irmão,
E ápenas a dôr, a oração
Que lembrão estas cruces.

E quem não chorará tantas lembranças
Que a mudez do sepulchro tem guardado?...
Quem não terá um ente que lhe amava
No misterio da campa descambado?...

Quem hade vir aqui entre cyprestes,
Entre murtas, e goivos, e saudade,
Vendo a pallida luz de branco cirio
Ostentar deste mundo a vaidade?

Aqui, mansão da morte, entre estas campas
São iguaes tanto o rico como o pobre;
A purpura do rei cede á mortalha ;
O pó, que o homem é, ao homem cobre !

Quando o homem se vê poeira e nada
Beijando a terra fria deste chão,
Plebeo ou potentado, sabio ou nescio,
Implora de quem vive uma oração.

Christaos, ajoelhai, rezai por elles.

São pó, como serêmos algum dia ;

Nossa vez soará ;

Então ajoelhado em nossas campas

Alguem fará por nós o que fazemos,

Alguem nos rezeará.

Aqui vem terminar entre estas cruces

Do mundo a impiedade ;

O pranto, o lucto, a dôr, a voz do sino

Disem eternidade.

.

Christaos, ajoelhai, orai por elles.

1861. Rio.

SEGREDO

(RECITATIVO)

Quando eu ás vezes teo olhar sorprendendo
Languido e terno sobre mim pairar,
Em cada golpe deste olhar comprehendendo
O que me queres talvez perguntar.

E sempre finjo que ignoro tudo,
Que nem sei mesmo quem tu és, quem sou;
E me conservo indifferente e mudo
Como a criança que a visão pasmou.

Talvez tu penses que evitar intento
Essas promessas de um amor porvir;

Perdôa á folha que arrebatá o vento,
Ella não sabe onde vae cahir.

Queres ouvir-me que razão m'ensina
A que me faço indifferente assim;
E' que eu não quero me curvar á sina
Má, que do berço s'engraçou de mim.

Não devo rir-me quando sinto dôres,
Nem illudir-me d'esperanças mais;
Minha alma esvae-se como murchão flôres
Gemendo agora seos doridos ais.

Perdôa, virgem, esse modo ouzado
Por qu'eu evito teo ingenuo amôr;
Eu cumpro apenas um dever sagrado,
Fugindo dos gozos p'ra viver na dôr.

Tu és estrella no fulgôr princeza,
Que á terra innundas de tão maga luz;
Eu sou o cirio que só diz tristeza
Quando alumia mortuaria cruz.

Tu és rainha, de teu throno as gallas
Eu não podera contemplar sem mêdo;
De longe escuto tuas meigas fallas,
E se tal posso é por ser meo segredo.

Oh! se te amo, com amôr tão santo
Que não podera te diser jamais;
Porem se fujo de tamanho encanto,
E' que receio que o contar queiraes.

E sabe agora qu'esse amôr de louco
Que por ti nutro n'um fatal segredo,
Eu acho ainda para ti mui pouco.
Mas não revelles por que tenho medo!

Junho de 1861. Rio.

DESEJOS

Si quisesses,
E podesses
Minha falla
Que se calla
Tão sentida
Dentro d'alma
M' escutar,
E, si crente
Meigamente,
Tu ouvisses
E sentisses
Sem bucares

Te zangar,
« Eu podera
Sem ter medo
Meo segredo
Te contar. »

Te fallando,
E contando
Quanto diz
Infeliz
Meo tranzido
E dorido
Coração,
Como planta
Que, batida
Pelos ventos
Sem alentos
Cahe no chão,
Poderias,
Saberias
Meo sofrer
Avaliar,
« Eu podera

Sem ter mêdo
Meo segredo
Te contar. »

E curvado,
Ajoelhado,
Beijaria,
Lamberia
Só as plantas
Dos pés teos.
Nesses beijos
Innocentes
Mil desejos
Tão ardentes
Se cumprião,
Vallerião
Donativos
Lá dos céos,
Nesse instante
Delirante
Minha vida
Poderia
Se findar,

« Eu podera
Sem ter mêdo
Meo sêgrêdo
Te contar. »

Como a brisa
Que desliza
Còm lisura
E finura
Sobre as flôres
De um jardim,
E que leva
Mil perfumes
Com ciúmes
De qu'a mão
D'hortellão
Lhe tocando
Sobre as flôres
Seos amôres
Va' murchando,
E tornando
Desbotados
E fanados,

Triste assim,
Tambem eu
Cautellozo,
Receiozo
Não pretendo
T'enfadar,
Si quizesse
Sem receio
N'um enleio
Suspirar,
« Eu podera
Sem ter mêdo
Meo segrêdo
Te contar. »

Mas perdoa.
Vou fallar-te,
Declarar-te
Que te amo,
Que te chamo
Meo amôr,
Que me banho
Cegamente

Na torrente
Do delirio
Do martirio
Desta dôr;
Si pensasses,
E amasses
Este louco
Que te adora,
E que chora
Por te amar,
« Eu podera
Sem ter mêdo
Meo segrêdo
Te contar. »

Tu és bella,
E singela
Qual disejo
Qu'ha no beijo
Que a criança
Vae pedir,
Còmo o sonho
De um momento

Qual azul
Do firmamento,
Como as aves
Tão suaves
Nos cantares,
Qual incenso
Dos altares,
Como as auras
Perfumadas
Qu'engraçadas
Sobre flôres
Vão dormir,
Si quizesse
Meos amôres
Sem temôres
Aceitar,
« E podera
Sem ter mêdo
Meo segrêdo
Te contar. »

1861. Rio.

A ORPHAN POBRE

Pobre orphan, coitadinha,
Como chora ali sozinha
Junto a campa de seo pai ;
Reza a prece de finados,
E mil suspiros magoados
Em pranto soltando vae.

Ella chora, sempre chora,
E seo rosto se descora
A força deste chorar ;
A'lgum tempo já foi bella,
Hoje não ; é qual estrella
Que já perdeu seo brilhar.

Chora de noite, e de dia :
Em seos labios a alegria
Nunca se vê despontar ;

Seos labios já forão bellos ;
Hoje sem sangue, amarelllos,
Estão sempre á soluçar.

Quando a noite se encaminha
Se dirige a coitadinha
Para a lousa de seo pai ;
Diz um canto de finados,
E seos labios macêrados
Soltão logo um triste ai.

Nunca maldiz sua sorte,
Nunca pede á Deos a morte,
Mas só diz : tem dó de mim :
Choros, e no eterno pranto
Lá em seo delirio santo
Soluçando diz assim :

« Oh ! meo pai, porque tão cedo
Me deixaste sem ter medo
De verme á sós sobre a terra ?
Não sabias que a pobreza,
Ainda unida á belleza,
Nada vale e sempre erra ?

« Oh ! meo pai, eu bem sabia,
Inda que jovem previa
Que havia ser desgraçada ;
Não viste quando morrias
Em que dôres e agonias
Eu estava sepultada ?

« E' assim ; desde essa hora
Qu'essa pobre filha chora
O seo pranto de orphandade ;
Tinha uma mãi, já perdi-a,
Hoje passo noite e dia
Dos outros na caridade.

« Aquelles que te cercavão,
Que tanto me acarinhavão,
Já não me sabem fallar ;
Si uma esmola peço á elles,
Já não parecem aquelles
Que viste me acalentar.

« Oh ! meo pai, é a desgraça
Mais dura, si em mesma taça
Se liba, co' a ingravidão ;

Si os amigos fossem gratos
Eu não morava nos mattos,
E nem dormia no chão.

« Quando eras vivo me amavão,
Em versos me decantavão
Qu'eu não quiz acreditar;
Hoje que sou orphan pobre,
Não encontro uma alma nobre
Que á mim se queira ligar.

« Quando eu encontro algum home'
Que obrigada pela fome
Peço uma esmola por Deos,
Elle faz não ter ouvido,
Ou esquece o meo pedido,
E apressa os passos seos :

« Si é grande a fome, e me obriga
A qu'eu assim mesmo o siga,
Caridade lhe pedindo,
Volta-me o rosto zangado,
E me diz em tom irado :
Não me andes perseguindo.

« Si então de joelhos choro,
Si por seos filhos imploro,
Por Deos esmola pedindo ;
Desce de sua grandeza,
E vem com toda baixeza
Pedir-me um beijo sorrindo.

« Oh ! meo pai, perder-se a honra,
Descer-se até a deshonra,
Para a vida se passar ;
Por dinheiro dar-se um beijo,
Fartar-se um torpe desejo,
Para a fome se matar ;

« E' muita infamia, não quero.
Da sorte não desespero,
Nem perco a fé do porvir ;
Que sinto quem foi fadada
Para viver desgraçada,
Para martyrios sentir. »

Certo dia a pobrezinha
Já cançada, coitadinha,
De sua dôr supportar,

Dirigio-se ao cemiterio,
Levada pelo criterio
De pelo pai ir orar.

Enganou-se a tal mesquinha.
Quando a morte se encaminha
Nós a vamos encontrar ;
Assim foi a malfadada
Buscar a campa marcada
Onde havia descansar.

Depois de orar pelo pai,
De soltar mais triste o ai,
Que o peito jamais gemeu ;
Ella vio-se dôcemente,
E depois, oh ! de repente
Amalfadada morreu.

1859. Bahia.

HUMORISMO

RESPOSTA

À UMA POEZIA DO F. TUPABERABA

Intitulada : Crença

FRAGMENTOS

Sôcega, amigo, a mocidade dorme,
Esse somno terrível da descrença
Que de Byron herdarão seos amigos ;
Soldados, que se disem do progresso,
Do progresso bem são, mas só caminham
Procurando seos proprios interesses.
Isso é qu' é progredir no sec 'lo de' hoje ;
Tudo mais é lutar em vão contr'elles.
Eu mesmo que ora escrevo estes rabiscos,

E tenho cá meos viros de poeta,
Sou sceptico de mais para que possa
Acreditar no meo progresso mesmo.
Quanto mais conceber a humanidade
Toda cheia de vicios, de mazellas,
Envolvida no manto da miseria,
E podendo correr do mundo as ruas
Repimpada no tal carrinho de ouro.
Oh ! que bello sonhar e que utopia !...
Quem ha por este globo que não tenha
Os olhos fitos sempre no interesse ?
O *ego* vale mais que tudo isso
Com qu'ouzaste sonhar, meo charo amigo.

O provogême afflictio na miseria
Carregado de multas e de impostos;
Os *felizes* porem, esses que um dia
Por serem animozos e esquecerem
Da face os brios conspurcando a honra,
Agarrarão-se ao carro da fortuna,
E com elle correrão como leva
Entre seos dentes qualquer corpo inerte
De um machinismo a roda que se volve.

Cada qual dessestaes é um Lucullo
Qu'acha um novo prazer em ir sugando
Pouco e pouco nas tétas da mãe-patria.
Que importa á elles quando morre á fome
Um filho da miseria, que só mascle
O pão amargo e duro dos escravos ? !...
Tenhão elles dinheiro e mais dinheiro,
E que o mundo se vá p'ra contra-costa.
Meo amigo, é assim nosso progresso;
O mais é ser Catão fóra de Roma.

E' preciso lutar, embalde a lucha
Hade ser de prostrar as nossas forças.
Como pretendes tu que combatâmos
As ideias passadas, si no mundo
E' tudo collocado n'uma esphera
Que girando n'um eixo, sempre mostra
O mesmo que já vimos n'outro giro ? !...
E de mais, para que nos cançaremos
Em lutar contra aquillo já vencido ?...
Si não pensas commigo, vaes de rôjo
Contra as proprias ideias que sustentas.
Tu queres caminhar, e continúas

Em verêdas por onde já passaste ? !..
Isso é lidar n'um circ'lo vicioso.

Si o sec'lo dezenove marcha ovante,
Si aniquilou dos reis o poderio,
Isso não é geral : a flôr que morre
Sempre deixa semente que germina,
Principalmente si lhe agrada a terra.
A historia de hoje bons exemplos
Te pode fornecer e bem sensiveis :
Cahe Francisco segundo de seo throno,
E Victor Manoel alonga o imperio.

Cá em nosso Brazil já nós sabemos
Que o progresso caminha regressando ;
O nosso pobre rei, de generoso
Nos deu Constituição, mas a coitada
Andou, adoeceu, e foi p'ra campa.
Quem a matou não sei, responda o *Papa*.
Nós vamos caminhando para a frente,
Porem de olho sempre para as costas ;
Quiçá encontraremos um esquife
Coberto de poeira, enlameado,

Onde jaz a ossada desta virgem,
Que de nós confiou Pedro primeiro;
E' bom que lhe juntemos os ossinhos,
E a carne?... isso lá no *dies iræ* !
Si o nosso genio máo não levantar-se
Despertado co' o som das taes trombêtas.

Convém, amigo, a mocidade ri-se,
Quando devia desfazer-se em prantos;
Ou cospir o catarrho do escarnéo
Na cara dos Satáns que nos perseguem.

Si a tal Constituição inda vivesse,
Co' as garantias que outorgava ao povo,
Elle fôra sob'rano em vez de escravo;
Mas hoje tudo é burla, nem ao povo
Concede-se o direito de qu'escolhar
Aquelles que *lã* vão represental-o :
Um chefe de partido põe-se em campo,
« Votai assim, amigos, falla elle;
Desta maneira podereis ter homens
Que bem vos representem, bem procurem
Sanar os sofrimentos qu'em vós pezão. »

O povo que é cordeiro, sinão tólo,
Lá vota no sujeito e vai jurando
Nas palavras sagradas dos vigarios :
E findou-se o direito de elegerem !

Bem sei que a lei se fez, e que por ella
Os homens deverião nivelar-se ;
Mas que quer, meo amigo, si a tal moça,
Em vez de carne e osso, é só de cêra,
E bem pode dobrar-se á qualquer fórma
Que os sabidos lhe dão em *seo* proveito :
Perante ella, diseis, os homens todos
Devião ser iguaes, ricos ou pobres,
Mas o rico domina, o nobre grita,
E o pobre lá fica choromingando.
Si a lei tornou-se assim, qu' é da igualdade ? !

Dividido o *poder* em muitos outros,
Cada um tendo suas competencias,
Fôra vida feliz a deste povo ;
Mas *elles* que se perdem *repartindo*,
Multiplicação que faz-lhes maior conta :
Dahi eis a razão por que se explica

Como é que o *poder* executivo
Absorvendo os mais, até suffoca
O poder que *môdera* os outros todos.
E perdida a harmonia entre os *poderes*
Pois que hum vale mais que os outros juntos,
Lá se foi a nação, foi-se o estado.

O que vale a tal couza tão sublime
De que tanto fallaes, e que se chama
O raciocinio que nos deu o Eterno?
O que vale o tal *eu* que tanto *pensa*,
O *eu* que *sente* e o tal eu do *volo*,
Si todos são de chofre aniquilados
Por um quarto sómente : o *eu* que *pode*?

Convém, amigo, a mocidade ri-se,
Quando devia desfazer-se em pranto,
Ou conspir o catarrho do escarnéo
Na cara dos Satáns que nos perseguem.

Rio. 1861.

A***

Mulher, onde has descido que eu não vejo
Vestígios teos no mundo em qu'hei subido?

C. BRANCO.

Sonhar, embriagar-me de perfumes,
De visões, povôar a vida inteira,
Que se esvaem por si;
Abraçar uma nuvem d'incertezas,
Mentis ao proprio ser da realidade,
Foi o que fiz por ti !...

Um dia, talvez hontem, no passado
Illudi-me de esp'ranças mentirozas
Que, perfida, me déste;
Mas hoje tudo é morto, tudo é cinzas,
Fé morreo, esperanças e promessas,
E tu tambem morrestel...

Que flôres, que fragrancia se exhalava
Desta harpa que vibrei quando fui crente
Nas couzas deste mundo ;
Anjo, terias no meo peito um eden,
Virgem, minha oração, e tens cahida
O vicio feio, immundo !..

No céo toda de incensos perfumada,
Irman dos seraphins, pomba celeste,
Assim eu te sonhei ;
Manchada, sem pudor, vendida escrava,
Rompendo as vestes brancas da pureza,
Assim eu te encontrei...

Visão aeria e linda de meos sonhos,
Anhellos, ambições, tudo eu te déra,
Até a immensidade ;
Traficando com a dôr de meos suspiros,
Um dia arrependida e sem remedio,
Dar-t'hei a piedade !...

Rio. 1862.

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM

Tant que mon cœur battra,
Toujours il te dira :
Rappelle-toi !

ALF. DE MUSSET.

Não te esqueças de mim quando um dia
Todo mundo me tenha esquecido ;
Seja a tua lembrança um consôlo
Que me reste no extremo gemido.

Não te esqueças de mim, alta noute
Quando a lua vies te encantar ;
E nem quando, sedenta de amôres,
Tua face ella venha beijar.

Não te esqueças de mim quando o somno
De pallôr tua face tingir ;

Não te esqueças de mim entre prantos,
Não te esqueças de mim á sorrir.

Não te esqueças de mim quando a brisa
Teos cabêllos vies bafêjas ;
E nem quando da tarde o crepusc'lo
Tua fronte de sombras toldar.

Não te esqueças de mim quando um dia
De outros sonhos fôr tua illusão ;
E nem quando de novos amôres
Povôares o teo coração.

Não te esqueças de mim quando ás flôres
Seo perfume o zephyro roubar ;
Possas tu delle mesmo nas azas
O meo nôme tambem soletrar.

Não te esqueças de mim desmaiada
Nos teos sonhos de amôr e paixão ;
E nem quando do mundo a impiedade
Murche esp'ranças no teo coração.

Não te esqueças de mim si o destino
Te obrigar á trahir teo amôr ;

E nem quando nos braços de outrem
As esp'ranças murcharem-t' em flôr.

Horas mortas fugindo á quem possa
Teo passado querer indagar,
Recordando lembranças queridas,
Não te esqueças de mim á pensar.

Bem sozinha, escondida do mundo
Que te manda sentir e callar,
Que te arfe em soluços o seio,
Não te esqueças de mim á chorar.

Si souberes porem que, cançado
De lutar com meo fado morri,
Não te esqueças de mim, qu'entre os anjos
Lembrarei o amôr que senti.

Então subão á Deos tuas preces
No aroma de um branco jasmim;
Quando o môcho piar o meo nôme,
Oh! por Deos, não te esqueças de mim.

SIM OU NÃO

Mariquinha, vou pedir-te

Um favôr...

— Diga qual é?

— Um rizo destes teos labios.

— No seo pedido tem fé?...

Oh ! si tenho, muita e muita,

Tenho até mesmo esperança.

— Pois, meo amigo, é de balde,

O que pede não alcança.

Mas por que?

— Por que não quero.

Não seja tão má assim !..

— Ora me diga, algum dia

Lembrou-se de amar a mim ?

Algum dia ?... sempre, sempre.

— Não minta, diga o que sente.

— Eu digo que sempre amei-te.

— Eu lhe respondo que mente...

Como sabe ?

— Por que vejo

Que lhe bate o coração

Quando conversa com a mana.

— E com você ?

— Nunca, não...

E' engano.

— Você jura ?

— Juro até pelo Senhor,

Tu és meo anjo querido,

Os sonhos do meo amor.

Agora me cres ?

— Sim, creio.

— Das-me o sorriso ?

— Darei.

— E nesse rizo celeste

Ha esperanças?

— Não sei.

Mais nada ?

— Que mais dizeja ?

— Quero tambem um...

— O que?

Um abraço, um beijo ardente.

— Depois ?

— Morrer por você.

E ella voltou-lhe a face

Corada, rubra de pejo,

Elle apertou-a nos braços,

Nos labios depoz-lhe um beijo.

E si outra vez eu quiser-te

Cingir ao meo coração,

Consentirás n'outro beijo ?

— Não sei — talvez — SIM OU NÃO.

1861. Rio.

PÃO D'ASSUCAR

Olhai, insultando do tempo os furôres,
Colôno gigante lá jaz á velar ;
A fronte elevada nas nuvens topéta,
E os pés mergulhados nas ondas do mar

E o dôrso bordado de incertos lavôres
Só ferem-o golpes da espada de Deos ;
A onda raivoza nos pés lh'esbraveja,
E elle misterios decifra nos céos !

Os ventos lhe zunem no ouvido com furia
Disendo ameaças de que elle sorri ;
Mil annos !.. não canção seo corpo vigílias ;
De pé, bem o vêdes, e só, sempre ali !

A' tarde não chora de ver no horisonte
Cahir desmaiado nas aguas o sol ;
Parece que as brisas da noute lhe beijão,
E elle se alegra no nôvo arrebol !

De noute, rasgando das nuvens o seio
Parece que amôres conversa co' a lua ;
E sempre incançavel, soberbo, orgulhoso ,
Defende de estranhos a patria que é sua !

E disem fôra hum gigante
Que, pelos mundos errante,
Peregrinava talvez ;
Parou ali, de cançado,
E vede-o lá recostado,
Inabalavel nos pés !

Em busca de um céu andava,
Um céu, que sempre sonhava,
Recamado d'ouro e azul ;
E pode aqui encontral-o
Quando de tarde á beijal-o
Soprao as brisas do sul !

E viu na praia arenoza
A onda vir, buliçoza,
S'espreguizar e morrer ;
Além se erguia a palmeira,
Elle achou-a feiticeira,
Tão bella no amanhecer !

Na areia branca da praia
A lua quando desmaia
Enfeitiçada de amôres,
O gigante achou belleza.
Dessa virgem natureza
Enamorou-se das flôres !

Era uma noute de maio,
Da lua um candido raio
Beijou a face ao gigante,
E elle n'um vago enleio
Sentiu palpitar-lhe o seio,
Cahiu de amor delirante !

Joven, disem que era ainda,
E foi nessa quadra linda
Qu'elle ali adormeceu ;

Dormiu um somno encantado,
De estrellas alumiado,
E, dormindo, envelheceu !

Quiz acordar, mas às aves
Nos seos cantares suaves
Lhe extasiarão também ;
Ficou ali, e é onde
Nas nuvens a fronte esconde,
E manda as ristas além !

Um dia o extranho, de ouro sedento,
Tentou, avarento, thesouros roubar,
E veio, nas praias, bem junto ao athleta
Incauto seo ferro nas ondas jogar.

E aquelle colôno se ergueu arrogante,
Disendo : adiante não quero que vás ;
Eu guardo esta terra tão rica de encantos,
Além não prosigas, que então morrerás !

E o ferro ancorado sahiu sem demora
Por mares em fóra, buscando outra luz ;

Altivo atalaia de então em diante
Defende as grandezas da terra da cruz !

E aquelle serro elevado,
Por mil estios crestado,
De mil invernos batido,
Saúda o sol no oriente,
E, quando o vé no pôente
De adeos lhe manda um gemido !

E sua fronte elevada,
Pelo tempo respeitada,
Banha a lua em seo pallôr ;
As brisas vem mansamente
Alta noute vagamente
Contar-lhe endeixas de amôr !

Olhai, insultando do tempo furôres,
Colôno gigante lá jaz á velar ;
E a fronte elevada nas nuvens topéta,
E os pés mergulhados nas ondas domar !..

Rio. 1862.

NO ALBUM DA SEN^a D. MARIA AUGUSTA
JUNQUEIRA FREIRE

Pelo sinête do crime,
Não é que está desbotada,
Não chora, suspira apenas,
Por seos ais entrecortada.

FR. LUIS DE J. FREIRE.

De certo que não foi o dêdo impuro
Do crime, que manchou a face tua ;
Infeliz, tu vaguêas indecisa,
Como branca açucêna desmaiada,
Que nas agoas fluctua !...

De certo que não foi a nodôa negra
De infamia, que roubou-te á face côr ;
E' antes a desgraça que te ralla,
Virgem ; suspiras só, abandonada
Aos golpes de 'ima dôr !

Tambem não é amôr quem faz tremer-te
No peito o coração, e os labios teos ;
Nem sonhar, o sonhar é dos felizes ;
Si tens uma visão que te enamora,
A visão é dos céos!

Lyrio entre rochas, sob um sol ardente
Tu murchas a belleza e o teo encanto ;
Si triste sempre teo sofrer revellas,
E' que tu' alma de continuo chora
Amargurado pranto!

O pezo do infortunio, os dissabôres
Te acabão o prazer da mocidade ;
Si desmaião teos rizados e esp'ranças
E' que te lembrás o passado, immersa
Em languida saudade!

A historia do passado como é triste?!...
Tão crua e cheia de sofrer, de dôres?...
Viuva de mil crenças, que nutrias,
Definhas, como á falta do orvalho
Tambem definhão flôres!

Tu vês o mundo em roda que te acêna,
Sem poderes seguil-o neste affaga;
Orfan de teo irmão que te adorava
Buscas lembrar da morte que roubou-t'o
Esse cruel estrago!...

Elle era um genio!... Tens razão. Choral-o
E' dever de quem viu-o reduzido
Cahir, martyr da fé, deixar o mundo,
Ir no claustro matar o seo futuro,
E lá se achar perdido!...

Mas acaba a tristeza que te opprime,
Podes sonhar amôr, crenças e fé;
E's môça e linda, tens u'a alma pura,
E Deos te guiará!.. Tuas esp'ranças
Devem viçar no pé!...

1861. Bahia.

SOFRI

Descei dos olhos meos, lagrimas tristes !
Si o arido infortunio o pranto enchuga.—
Foi grande a angustia.....
Que o pranto me accordou.

C. BRANCO.

Sofri tanto, meo Deos, neste mundo !
Tive tantos embases na vida !...
Vi minha alma que tanto sonhava
De illusões e de crenças despida.

Sofri tanto !... atirado no mundo
Como um grito perdido no espaço,
Eu não pude soster esperanças
Que morrião talvez de canção.

Sofri tanto !... embarquei-me sozinho
N'um batel pelo mar da existencia,

Sem pharol, sem um guia, sem luzes,
Sem valerme de Deos a clemencia.

Encalhei n'um baixel que se erguia
Entre as ondas em negro caminho,
E achei pendurada na rocha
Aguçada corôa de espinho.

Minhas noites gastei-as sonhando
Variadas, febris illusões,
E depois me encontrei rodeiado
De malditos horrendos baldões.

Longas horas de minha existencia
Consumi em delirios de amôr ;
Sofri tanto, meo Deos, tudo isso
Se desfez em estragos de dôr.

Embalei-me nas azas da esp'rança,
Do porvir visei lindo arrebol,
Porem hõje no meo horisonte
Não descubro si quer um pharol.

Que ambições que nutri d'esse fumo
Qu'ê a gloria, e que o vento desfaz !

Esse rizo que os labios roçou-me
Bem depressa fugio, tão fallaz.

Que prazeres eu quiz no passado
Que meo peito soubesse anhellar,
Mas não pude gozial-os um dia
Sem que os visse em sofrer terminar.

Da infancia esses dias felizes
Que se paixão ligeiros subteis
Estraguei sem lembrar-me o passado,
Em folguêdos de mais pueris. .

Sofri tanto, meo Deos, tantas flôres
Que da vida colhi na manhan
Requeimei do sofrer na fogueira;
A fragrancia perdeo-se tão van!...

Desse tempo de pallidos sonhos
Os amigos perdi que eu amei;
Revestido em rafado sudario
Minha irman, bem sentido, deixei.

Sofri tanto, meo Deos; á tardinha
Minha mãi me ensinava á rezar;

Eu ouvia o sininho da torre
Suas vozes aos echos mandar.

E amei — si o amôr é perfume
Que embriaga nossa alma em querer;
Si é a ancia que á rastos nos leva
A cahirmos aos pés da mulher.

E amei — si o amôr é a vida
Que nas veias nos corre apressada,
Si são sombras que encantão os olhos
Ou si mesmo é ventura sonhada.

Sofri tanto, meo Deos, eu queria
De illusões minha vida acercar,
Negras nuvens da vista me furtão
Lindo céo que eu queria habitar.

Sofri tanto, os phantasmas que ao moço
Em vigílias perenes consõem,
Quando o mundo lhe fana as capellas
Pelos ares voando se sõem.

Sofri tanto, si vivo inda hõje
Não conheço nem crenças nem fé,

Sou cadaver que forças occultas
O conservão sem sangue, de pé.

As saudades que ainda se aninão
No meo peito de quanto perdi
Tal vez possa na campa esfrial-os.
Sofri tanto, meo Deos, oh ! sofri.

1862. Rio.

AO DESPEDIR-ME DE MEOS AMIGOS

FREDERICO D'ARAUJO,
VICTOR ISAAC E AMERICO PACHECO

E' tempo, amigos, vedes bem, a vida
Vai deixar da infancia bem sentida
 As flôres e o sonhar;
Minha alma desmaiando em desconfôrto
Me diz que do passado tudo é morto
 E devo acreditar!...

Eu vejo quem a infancia amortalhada
No lençol do passado, abandonada
 E fria sobre o chão;
Deixo os annos de sonhos tão felizes,
Descubro no meo céu outros matizes :
 Que dura transição!...

Da aurora do porvir que é toda incerta
Minha senda diviso, e eil-a aberta
Que diz me segue e vem;
De menino os prazeres erão santos ;
Que saudade's me deixão taes encantos
Mortos, frios aquem?!

De menino vos dou o extremo abraço...
Se eu podesse parar!... oh! mais um passo,
E vejo um novo sol;
Vou de homem trilhar a escura senda;
Faze, meo Deos, que nunca me arrependa
Saudando este arrebol.

E as flôres e os rizados e as gallas e os sonhos
E os dôces prazeres que a infancia me dêo
Deixei-os de involta có o pó do caminho
A Deos e saudades que tudo morrêo.

E as debeis sandalias dos pés da créança
Não posso com ellas fazer o caminho;
Pisei sobre flôres com ellas um dia,
Agora talvez pisarei sobre espinhos.

E as vestes tão alvas que o corpo envolvão
Troque-as agora por negro sudario ;
E o céu alfombrado de lindas estrellas
Transforma-se em terra com cruz e calvario.

A sociedade me estende seos braços,
E' força que nelles me aperte com dôr,
Si o homem que luta nos braços da morte
Chamar-me, me accusa si tarde eu lá fôr.

Minha fronte si um dia de louros
Ou de espinhos vier se enfeitar,
Ter-vos-hei na lembrança guardados;
E a lembrança virá me salvar.

Si da gloria o sorrizo mentido
Meo futuro vier illudir,
Ver-vos-hei a meo lado rizonhos,
Della a luz virá mais me luzir.

Eil-o o caminho, vou trilhar, é novo;
Por isso incerto e duvidozo o sigo;
Vou fazer a viagem do futuro;
Oh ! não vos esqueçaes do pobre amigo.

TRIO

O PASSADO é um livro que se fecha
E não consente que ninguém o leia,
Sombra mysteriosa sobre campas
Esvae-se, como o canto da sereia.

Raio de sol que as serranias doura,
Que o crepusc'lo da noite escureceu ;
Lyrio do valle que desfolha o vento,
Um só dia viveu !

O passado !.. o passado !.. O mênديو
Das esmolas não guarda a memoria,
E nem lembrão d'aquelles que as derão
Na sua triste historia.

O passado se esvae como a lympha
Que o calôr do estio seccou,
E depois só nos resta a lembrança
Dessa nota que o vento levou !..

O PRESENTE ! ? a manhan cheia d'encantos
Que accorda o passarinho da mudez ;
Amamos escutar esse gorgείο,
Por que elle se canta uma só vez.

O presente é um rizo de volupia
Nuns labios de mulher,
E' nuvem d'ouro que o horisonte pinta
Em bello amanhecer.

E' capella de flôres de laranja
Que tem na fronte a virgem,
E' promessa de amôr que a mente enleva
Em tepida vertigem.

O presente é um rio d'ouro e per'las
Serpenteando o chão ;
Si o passado compete á memoria,
Este é do coração.

Esperar? !... O FUTURO é um sonho
Que será desgraçado ou risonho,
Conforme quiser Deos ;
E' a noite n'um veo de incertezas,
Ou estrella de magas bellezas
Que raiará nos céos.

O futuro é dormir somno eterno
E acordar, talvez quando? no inverno
Da vida em negro chão ;
Illudido por lindas chimeras
Vive o homem sonhando estas eras
De mentida visão.

1861. Bahia.

AINDA NÃO ? NUNCA MAIS !

Quand l'autel est souillé, la douleur est l'encens.

LAMARTINE,

I

A mesma ! não mudou ! si no passado

Eu vi-a n'um orgulho cego e louco

Matar-me o coração,

Agora heide encontral-a fria e muda,

Escarnecendo assim de meos affectos !

Oh ! nunca mudou, não !

E quem ? ?... essa paixão que no meo peito

Vibrara a corda intima de um sonho

Que a mente fascinou-me ;

Mulher ou fada ou anjo que a existencia

Em seu ser resumi, foi ella mesma

Que o sentir alquebrou-me.

Nas minhas noites de illusões perdidas
Entre scismas de amôr e de esperanças

A ti só eu amei,

Sôrvi á longos tragos a cicuta

Que a alma m'envenena em desespero.

Por teo amor chorei.

Libei em taça amarga a desventura,

Como bebe o veneno o condemnado

A quem fazem morrer ;

Esperei, infeliz, uma esperança,

E sempre a mesma noite de tormentos.

Nunca, um amanhecer !

Seis annos de uma vida amargurada,

E' a historia infeliz dos meos amôres

De illusão transitoria ;

Quanto tempo fanei as minhas crenças,

Seis annos ! tu bem sabes, sempre dôres,

Seis annos ! — minha historia. —

Em balde meo sofrer e meo martyrio,

O meo perseverar, minha desdita

Fallou-te ao coração ;

Rojei por teu amôr as esperanças :
As ambições de moço, minhas crenças,
E tudo foi em vão !

II

Que te fiz eu para cuspires em meo puro affecto

L. DE MENDONÇA.

Amei-te como a nota harmoniosa
Que o coração nos enche de prazer;
Como um beijo colhido em mêdo á furto,
N'uns labios de mulher.

Amei-te qual ministro do Eterno
Adora reverente seus altares;
Como o nauta a barquinha em que navega
Balançada nos mares.

Amei-te — como as auras o perfume
Roubado á tardezinha de uma flôr;
Como o christão na hora do martyrio
Ama a cruz do Senhor.

Amei-te como ama-se a lembrança
De um bem que se gozou, e se perdeu ;

Como ama infeliz o desterrado
A terra em que nasceu.

Amei-te como ama o tenro arbusto
A terra que lhe chegam junto ao pé ;
Como o crente nas noutes de vigílias
Adora sua fé.

Amei-te como a planta resseguida
Adora o fresco orvalho da manhan ;
Como a ave que canta na floresta
Adora sua irmã.

Amei-te como a mãe estremecida
O filho adormecido no seo peito ;
Como a criança a mão benficiente
Que lhe protege o leito.

Amei-te como em mar tempestuoso
Adora o marinheiro uma bonança ;
Como os que vivem de esperança e crentes
Adoram sua esp'rança.

Amei-te como o ar que nutre a vida
E que perdel-o fôra ter a morte ;

Como o nauta perdido em mar escuro

Ama a estrella do norte.

Amei-te como as crenças de minh' alma,

Como um sonho feliz e como aos céos...

Tu foras minha irman por meos amôres!...

Amei-te como a Deos.

III

Tudo que peço e quero é uma lagrima.

BYRON.

Enfant! sais-tu que ces larmes sont
des laves?

V. Hugo, *Notre-Dame de Paris*

A vida é um deserto — a mocidade

E' a flôr em botão, inda no pé;

Por ti eu povoei esse deserto,

E nutri nessa flôr crenças e fé!

Amôr é sonho vão, que nos embala

Entre sombras, mentido e passageiro;

Por ti acreditei nos seus affagos,

E formei nessas trevas um luzeiro.

A mulher é estatua que não sente

Bater-lhe o coração de amôr e vida;

Por ti eu dei ao marmôr frio, immovel,
Uma alma de amôr estremecida.

A poesia é a nota funeraria
Que entristece de dôr o coração ;
Por ti eu concebi-a só de gallas,
Só ergui-me cadaver deste chão.

Por ti eu me embarquei, nauta sem guia,
N'esse batel de sonhos e phantasmas,
Atravessei, cantando, um mar escuro,
Achei luz e galerno em noutes calmas.

Por ti me ergui da terra do descanso,
Afadiguei-me atraz de gloria van ;
Colhi capellas, atirei-t-as todas...
E sem nunca raiar-me u'a manhã.

Por ti eu consumi a mocidade,
Crença, ambições, e gloria á me sorrir ;
Esperanças murchei por teos amôres,
Atirei-te as corôas do porvir.

Meo amôr, a vestal de meos anhelos,
Profanei á teos pés, horas infindas,

Por ti despedacei minha alma crente,
E tive o desespero em noites lindas.

Por ti eu afinei a minha lyra,
Votada ao desprazer, á dôr, aos ais;
E tu a enluctaste para sempre.
Lá vae perdida uma illusão de mais.

IV

De que céu em que barathro cahiste?
CASTILHO.

Amôr sem esperança — é uma planta
Damninha, que envenena o coração —
— E' somno que se dorme em duro leito,
— E' perôla que cahe de tôdo em chão...

Eu dei-te um coração cheio de crenças,
E derão-te um amôr de fingimento;
Me deixaste morrer sem uma esperança,
A' elle vaes fatar o louco intento.

Eu e elle... escolheste o lôdo impuro
Que te vae profanar a mocidade —
Deixaste a terra fértil de promessas, —
Nem ao menos lhe deste uma saudade!

P'ra ti edifiquei dentro do peito
Um throno de perfumes e de amôres;
Alguem te hade da terra de gêlo,
Onde só nascem cardos e não flôres.

Oh! bem poderas ser, si tu quisesses,
A estrella brilhante do meo céu; —
Para elle serás, depois do gozo,
A mulher que belleza e amôr vendeu.

Eu te daria as ambições de môço,
Palmas do estudo, e do porvir laureis;
E si corôas eu tivesse, um dia,
Queria também jogar-te aos pés.

Que importa? não quiseste ser a fada
Que havia de encantar os sonhos meos,
Preferiste murchar em solo ingrato :
Prosegue! eu não embargo os passos teos.

Possa alguém te guiar no teu caminho
Sem despir-te da fronte tuas flôres.
Em mim não ficará uma saudade,
Recebe a maldição dos teos amôres!

V

Les plus désespérés sont les chants les plus beaux.

ALF. DE MUSSET.

Mulher que amarguraste minha vida

De tão cruenta dôr,

Eu inda te verei abandonada,

Chorar o teu amor;...

Hei de ver-te chorar arrependida,

Sem crenças e sem fé;

Trocar-te sem pudor á pezo d'ouro,

Qual languida Phryné;

Viuva dos amôres, que eu votei-te,

Sem ter uma illusão,

Abraçar-te ao cadaver do passado

Na dôr do coração;

Has de buscar as cinzas de meos sonhos

E não as acharás;

Serão dispersas todas pelo vento.

E tu o que serás?

A lampada do templo na taverna

Profanada e sem luz;

**Um' outra Magdalena desgraçada
Beijando os pés da Cruz.**

VI

De que serve guardar monumentos
Dos enganos, que a esp'rança forjou?
Vãos reflexos de um sol que tardava,
Ou vans sombras de um sol que passou.

GARRETT.

**Amar... é ser-se escravo de una ideia,
Dominar-se a razão por uma sombra,
Dormir e acordar;
Que vale despertêmos tarde ou cedo
Si o sonho hade esvair-se n'uma ancia,
Si havemos despertar?**

**Nem me restem saudades desse tempo
Que foi-se, como o gozo de um abraço,
Como o viçar das flôres :
Fatiguei-me de mais na lide ingloria
E hoje poderei diser sem penas :
Descançai, meos amôres.**

**Descançai no sepulchro de meo peito,
Que deve o peregrino que cançou-se
No marco se sentar;**

Tereis a triste nenia de meos cantos,
Os goivos de minha alma como flôres
Não vos devem pezar.

E tu em quem cifrei os meos anhelos,
Esperança e porvir, glorias, prazeres,
E tudo que era meo,
Nao penses que, inda baldo d'esperanças,
Buscarei abraçar o calix secco
Da flôr que emmurcheceu.

E Deos te lembrará que foste a fonte
De meo martyrio atroz, de meo delirio,
E como de meos ais;
Eu quero que me esqueças sempre e sempre;
Tu dises : ainda não — no teo silencio
Eu digo : — nunca mais! —

Dezembro de 1861. Bahia.

PAGINA NEGRA

Lava-se a pallidez do vicio escuro,
Mas não lava-se um crime!...

A. DE AZEVEDO.

Perdão, meo pai, o filho do destino
Vem agora pedir-vos piedade,
Si brada a consciencia em favôr delle
Não busqueis infamar-lhe a mocidade.

Vem coberto de gloria ou infortunios
Pedir qu'esse capricho a alma dome;
Renegado não seja o vosso sangue.
Dai-lhe a benção, Senhor, e dai-lhe um nôme.

E' duro, bem sabeis, ter esperanças,
Ter no peito sagradas ambições,

E ver se desfolhar por uma nodôa
Da gloria do porvir esses florões.

Mas si não vos commove a compaixão,
Si o presente será como o passado,
Não mancheis-lhe as corôas de futuro,
Que á custa de sofrer tem conquistado.

Si debalde porem é sua prece,
Si quereis comprimir o coração,
Ficará sua fronte nodoadá —
Não lanceis-lhe, Senhor, a maldição.

Oh! não vos bata o coração no peito,
Nem vos lembre quem sou vossa memoria;
Mas se o futuro me cobrir de flôres,
Meo pai, vos peço me leiaes a historia.

Novembro de 1861. Rio.

FRAGMENTOS

DE MEO LIVRO DE HOJE

Leitôr, — quando virares esta pagina é preciso que te purifiques do amargôr que bebeste nas antecedentes, que eu não sei mesmo se tocou-te no coração a corda do sentimento; como quer que seja, esquece tudo que já leste antes, e, como o viajôr que rasgou os pés por caminhos crivados de espinhos, cura primeiro as suas feridas para emprender nova viagem, assim tu entres nesse como sanctuario onde ha luzes que não deverás apagar com o sopro do

scepticismo, e nem amortecer com a thesoura da critica. E', como o chamei, o *meo livro de hoje*; se te confiei de mistura com essas outras paginas, é que foi tambem ahi o meio de ser elle lido por quem m'o inspirou. Eu não consinto a menor punhalada nelle porque é o meo coração e por ser ahi que se concentra a minha vida : defendo um para conservar a outra com todos os direitos que me são inherentes. Entendes?

— 30 de março —

E's um anjo que habitavas
Junto ao throno do Senhor,
Eu te vi entre meos sonhos,
Eu te tenho muito amôr!

E's pura como a açucêna,
Como o arôma da flôr,
Nuvem d'ouro no horizonte,
Eu te tenho muito amôr!

Não consintas que meo peito
S'estrague em tão negra dôr,
Vem sorrir aos meos anhelos,
Eu te tenho muito amôr!

Esse calix que me mata
De vinagre e amargôr,
Vem arredar de meos labios;
Eu te tenho muito amôr!

Sim, si amôr é um delirio,
Si é um sonho de languor,
Si é a mente que desvaira,
Eu te tenho muito amôr !

No teu somno de innocencia,
Envolta em virgem pudôr,
Lembra-te ao menos meo nôme.
Eu te tenho muito amôr !

1862. Rio.

— 2 de abril —

Si eu morrer sem ter gozado
Na vida um dia feliz,
Sem ter um sonho esmaltado
De amôr por lindo matiz;

Si eu morrer assim tão moço
Nessa quadra de illusões,
Das esp'ranças o destroço
Terá crueis maldições !

Si eu morrer quando sonhava
No futuro muito amôr,

Si eu morrer quando esperava
Terminar tanto amargôr;

Si eu morrer quando uma esp'rança
Vem pulsar-me o coração,
Quando a alma se balança
Por encantado condão;

Si eu morrer quando em desejos
Se me abrasa a propria essencia,
Quando queria em teos beijos
Encantar minha existencia;

Si eu morrer quando da vida
Me raia um novo arrebol,
Nessa idade tão querida
Em que luz tão lindo sol;

Si eu morrer com vinte armas
Co' a fronte ornada de flôres,
Desconhecendo os arcanos
Dessas promessas de amôres;

Morrerei resignado
Sem maldiser minha sorte;

Fui na vida desgraçado,
Heide ser feliz na morte !...

Deixarei tantas capellas,
Palmas, meos laureis de estudo,
Do porvir promessas bellas,
Sem saudades, tudo, tudo !

Deixarei do mundo os gozos
Sem sentir... e os não gozei,
Esses prazeres ditozos;
Tudo, tudo esquecerei.

Mas commigo á eternidade
Para provar que vivi
Eu só levo uma saudade;
Essa saudade é por ti.

Será tua essa lembrança
Que levarei para os céos;
Heide amar minha esperança
Mesmo no reino de Deos !

1862. Rio.

— 2 de abril —

Bella filha dos céos, estrella d'alva
Que luzes no teo céu pura e louçan,
Vem brilhar na manhan dos meos amôres,
Vem tu ver minha irman.

Tu vens sempre denoite entre misterios
Velar meo somno de febris amôres;
Hoje por que não vens só de esperanças
Perfumar minhas flôres?

Deixa-me ver teo rosto tão divino
Que paixão fez nascer no peito meo,
Deixa a nuvem de flôres que te cerca,
Vem brilhar no meo céu.

Ha uma vida á definhar no mundo,
Uma fronte sem fé á se abater,
Vem tu ressuscital-a em teos amôres,
Não a deixes morrer.

Quando eu te vejo n'amplidão do espaço
Brilhando em raios tua face linda,

Digo commigo — da desgraça em meio

Eu sou feliz ainda!

Vem abrigar-me de tu' aza as sombras,

Que os dias do passado lá se vão;

Minha existencia se esvaiu inteira

Na dôr do coração.

Se ainda vivo, é de teos raios lindos

Que o ser da existencia vou furtar;

Será por ti meos sonhos de mancebo,

Por ti meo suspirar.

1862. Rio.

— 8 de abril —

Quando um dia no passado

De tormentos rodeiado

Eu murchei da infancia as flôres,

Muita lagrima sentida

Quemou-me a face abatida

Por infelizes amôres.

Chorei sobre a sepultura

Da paixão sagrada e pura

Que animou meo coração,

Tantos sonhos tão dourados
Vi cahirem desfolhados
D'envolta co' o pó do chão.

Foi longo é certo o delirio,
E n'um infernal martyrio
Sem vida fiquei de pé;
Porem nessa indiferença
Polluiei-se muita crença,
Estragou-se muita fé.

E tu surgiste alva estrella
Entre as sombras, triste e bella
De minha vida d'então!
E veio preso em teos raios
Entre amorozos desmaios
O dia da redempção.

A a manhã que surge agora
Nenhuma sombra descora,
Nuvem nenhuma escurece;
O perfume de seos ventos
Varre muitos desalentos,
E o passado se esquece.

Quem tu és, sombra encantada,
Que vens, rizonha engraçada,
Purificar-me a existencia?.,.
A aza em que te balanças
De bem lindas esperanças
Vem revestir minha essencia...

Si o coração reverdece,
Si palpita, si estremece,
E' tão sómente por ti;
Si a aurora d'hoje tem flôres,
E' nessa febre de amôres
Que sinto que não morri.

1962. Rio.

— 13 de abril —

Perdoai-me, Senhor, si errei um dia,
Si fui descrido, si não tive fé;
Si troquei o amôr que a virgem sonha
Por vendida Phryné.

Si maldisse teu nôme, si atirei-me
Do gozo da materia ao dôce-fel;
Si recostei a fronte de mancêbo
N'um leito de bordel.

Errei, bem sei; mas é que tive o mundo
A' fanar-me esperanças inda em flôr,
Vi muito sonho desfolhado um dia
Por infeliz amôr!

Abrasei-me de anhellos e desejos,
Amei a luz de Deos no alampadario,
Mas tive de matar illusões tantas
Do mundo no calvario.

Tive ambições de palmas no futuro,
E da gloria aspirei a sombra van;
Errei por que descri de tudo isso
Dos annos na manhan.

Mas é que aspirações que o môço adora
São espinhos crueis que a fronte rasgão;
Gasta-se a alma nessa dôr eterna,
E os dias seus se estragão.

Si vende o que é sentir, si incensos queima
Da terra aos potentados e á riqueza,
Si curva sua fronte como escravo
Aos pés da realleza;

Será feliz ! dominará mil mundos,
Hade a historia eternisar seo nôme;
Porem se independente não se humilha,
Morre talvez de fome.

A cruz de Deos erguida no calvario
Remiu da humanidade a vida, a essencia,
Mas não quiz essa espada tinta em sangue
Remir a intelligencia !

Meo Deos, si por viver-se o pensamento
Tinha de escravo ser dos potentados,
Por que destes ao mundo indifferente
Talentos degraçados ? !...

Errei, por que descri d'essas chimeras
Dos dons da intelligencia, e seos laureis;
Porem nunca encostei, ebrio, a cabeça
Nas mesas dos hoteis.

Nem fui sentar-me á porta dos felizes
Vendendo-lhes canções no alaude,
Preferi ao manjar de seos banquetes
A fome com a virtude.

Perdão, meo Deos, si os erros do passado
Só me podem trazer a maldição,
Sou outro agora, tenho fé na alma,
E amôr no coração.

Do passado só resta um murmurio,
Que não é nem saudades nem lembranças;
E hoje tenho a vida acarinhada
Por novas esperanças.

1862. Rio.

— 15 de abril —

Não tardes ! vem sem demora,
Que ancia que me devora
Talvez me possa matar.
Deixa esse throno de flôres,
Sacerdotisa de amôres,
Vem meo ser purificar.

Não tardes, nem sempre a vida
E' essa ancia bebida
De fagueiras illusões ;
Pode talvez outra idade
Trazer a realidade
Coberta de maldições.

Não tardes, a vida esvae-se,
E muito sonho desfaz-se
N'uma esperança sem fim.
Illusões que ao peito afagão
Essas tardanças estragão.
Não queiras que seja assim.

Não tardes! esse misterio,
Esse sonho vago, aerio,
Vé tu mesma decifrar ;
Bem ves, a noite é tão linda,
A lua desmaia ainda
Por sobre a face do mar.

Não tardes ! vem sem receio
Anciar teo casto seio
A's fallas do meo amôr,
Não queiras vir no momento
Em que da descrença o vento
A vida crestar-me em flôr.

Depressa que essa tardança
Pode murchar a esp'rança
Que nutro no peito meo,

Vem, de amôres abrasada,
Tirar-me desse meo nada,
Abrir-me as portas do céu.

Não tardes ! nessa incerteza
Do meo amôr a pureza
Pode gastar-se tambem :
A' dias tão nevoentos
Prefiro buscar alentos
Na câmpa que surge alem.

Esperar ? ! quando o passado
Foi um sonho malfadado
Que consumiu tanta fe ! ? !
Esperar ? si a juventude
Enluctou meo alaude
Da desgraça sob o pé ? !

Eu sinto tremer teo seio,
Tão puro do amôr no enleio
Que divinisa a mulher ;
Vejo-te a fronte banhada
Por essa luz começada
Da manhã no rosicler.

Não tardes ! ainda ha flôres,
Que o meo passado de horrôres
A' seo pezar não murchou ;
E desse tempo perdido
Tu já foi esquecido ;
Só uma crença ficou.

Essa crença acalentada
Ha tanto tempo, coitada,
Guardei-a para te dar !
Não tardes ! vem afagal-a,
De amôres vem baptisal-a,
Vem meo ser purificar.

1862. Rio.

— 23 de março —

Eu heide te encontrar ! Na eternidade
Entre os anjos sentada junto á Deos,
Serás meo guia que me ensine a senda
Que me conduza á reviver nos céos.

No mundo ignota a descansar tranquilla
Entre misterios, suspirando amôres ;
Irei buscar-te, balsamo suave,
Para sanares do meo peito as dôres.

Irei buscar-te n'amplidão dos ares,
No céo, na terra, n'outro mundo alem,
Eu heide achar-te, percorrendo mares,
Heide buscar-te ao tumulo tambem.

Visão sonhada n'uma noite linda,
Mytho encantaddo que minh' alma adora,
Oh! não me fujas, meo martyrio finda;
Eu quero ter-te; depois morra, embora.

Tu és crença que meo peito affaga,
E's minha sombra que á meo alado vejo;
De amôr a ancia que por ti me esmaga
Me traz a vida n'um voraz desejo.

1862. Rio.

SEN. BITTENCOURT DA SILVA

Do meio das sociedades de hoje, sobre cujas bases não pretendo levar o escarpello da critica, destaca-se uma pleiade de homens em tudo diversos do todo de que fazem parte, a que o Senhor mesmo chamou de — *mohicanos rebeldes*, e que, á todo o pezar, esforço-se para hastear aquelle sceptro invisivel, e todavia o unico digno de governar, o da intelligencia. Não sei se já sabe que tive tambem a louca e inexequivel pretensão de fazer parte desse numero, pois tive; e a prova é que busco o mais possivel habilitar-me para combater com esses outros.

A lucta entre os taes mohicanos e o resto do mundo é destino; a gloria do vencedôr é que ainda se envolve em bem assustadôr misterio. O que está sobre maneira, nú de duvidas, é que por ora as probabilidades são dos inimigos, e a historia ahi está para não me deixar mentir,

e accrescentar tambem que, si já houve palmas, elles forão os unicos possuidores.

« E' que o cynismo dos costumes, como diz Chateaubriand, traz á sociedade, destruindo o senso moral, uma especie de barbaros; esses barbaros da civilisação, proprios para destruir tudo como os Godos, não tem, todavia, o poder de fundar como esses que erão os grandes filhos de uma natureza virgem, em quanto que aquelles são os abortos monstruosos de uma natureza prostituida. »

Tasso foi um desgraçado que não deixou emudecer os echos dos carceres de Ferrara, e era o author da Gerusalemme liberata; Silvio Pellico é encarcerado nas prisões dos tyranos de sua propria patria; Camões, em quanto o seo Jáo esmola pelas ruas de Lisbôa o pão para matar-lhe a fome, estorce-se nas agonias da moert sobre a enxerga podre e fria de um hospital, era o author dos Luziadas e batera-se nas Indias por amôr das glorias portuguezas; Gonzaga dá o derradeiro arranco da vida nas presigangas da Africa; — Claudio é queimado nas fogueiras da inquisição; Byron é ludibriado pelos proprios collegas da camara dos lords; — Chatterton,

morre com vinte annos, de descrença; Chénier sóbe impavido os degráos do cadafalso; Henrique Murger acaba n'um hospital de Paris, e, só depois de morto, é que conhecem o que perderão; quando altos funcionarios d'Estado, acompanhando-lhe o feretro, dão-lhe o que lhe tiravão em vida; — Victor Hugo e Proudhon são expulsos de sua patria; — Lopes de Mendonça habita um hospicio de alienados!... Herculano limita-se ao mister de bibliothecario; Cazimiro de Abreu é assassinado moralmente; e outros que me esquece.

D'ahi vê que por ora só tem tido espinhos esses outros architectos da obra do futuro que *elles* demollem pouco á pouco.

Eu já me hia tornando tão descrido de tudo issó á ponto de dizer em uma de minhas poesias que :

Se o seculo de hoje é da materia,
E chama os inspirados de histriões,
Saião do templo apostolos da crença,
E fiquem vendilhões.

Mas arrependi-me e não dei a essa poesia as honras d'esse volume.

Como quer que seja entendo hoje que a de-

visa da tal *raça maldita*, deve ser *Away* : trabalhe-se, por que si Deus não disse : — Bemaventurados os que trabalham, que a obra será d'elles, — ao por menos deveria disel-o.

E' por isto que tambem eu quero vestir a *blusa* de taes operarios, e para esse fim pretendo dar á luz esse livro de poesias que nada valendo, é a prova de minha vontade ao menos. Peço-lhe por tanto o seo juizo sobre elle, e como a critica não deve cortar pela raiz esses arbustos que um dia poderão vir á ser frondozos arvôredos, espero que, sem me fazer favôres, não seja muito tyrano para com esse filho querido de minhas locubrações.

Cumpre não esquecer que para sua confecção eu fui ao mesmo tempo mestre e aprendiz, por que tenho o orgulho de pensar que intelligencia não entra a força de martello na cabeça de ninguem.

Seo amigo,

CLIMACO BARBOZA.

FIM.

TABLA

Ilustre poeta.....	3	Fernandez da Cunha.....	179
Prologo.....	9	Meo gemido.....	184
A' Amelia.....	23	Vem.....	191
Meos versos.....	26	Sé feliz.....	194
A minha amiga.....	28	Minha infancia.....	198
Annita.....	32	Pescador.....	202
Si eu morresse amanha.....	36	Viveu, canton, morreu, á Ca-	
A lua do Brazil.....	38	zimiro de Abreu.....	209
Lembrança.....	43	A Ignez Fabri Mulder.....	211
Amanhan.....	47	Eu amo-te.....	215
Lydia.....	51	No album de um verdadeiro	
A uma mulher.....	53	amigo, o doutor F. Octa-	
A florinha.....	55	viano.....	221
Perdão, senhora! perdão!...	58	Ao D ^r Manuel Joaquim da	
Messalina.....	61	Sylva.....	223
Tenho dó.....	64	Sobre o tumulo de Libania	
Fauny.....	66	Clementina.....	228
E' tarde!.....	70	Uma lagrima aos mortos, no	
Arrependimento.....	77	dia de finados.....	230
Descreio.....	82	Segredo.....	235
Mentiroza.....	85	Desejos.....	238
Te lembrás?!.....	87	A orphan pobre.....	245
Tautalo.....	91	Humorismo, resposta á uma	
Perdida.....	97	poezia do F. Tupaberaba..	251
T.....	102	A***.....	258
No seo album.....	104	Não te esqueças de mim...	260
A huma desconhecida.....	109	Sím ou não.....	263
Não sentes?.....	113	Pão d'assucar.....	266
Na hora de morrer.....	117	No album da sen ^a D. Maria	
Oh! não te esqueças de mim.	123	Augusta Junqueira Freire..	271
Canção do exilado.....	129	Sofri.....	274
Noite de chuva.....	133	Ao despedir-me de meos a-	
Travessa.....	137	migos Frederico d'Araujo,	
No album da ecellentissima		V. Isaace Americo Pacheco.	279
sen ^a D. C. P. Peixoto Netto.	140	Trio.....	282
Menina e moça.....	142	Ainda não? nunca mais!...	285
Desanimo.....	147	Pagina negra.....	296
Acrostico a' uma menina...	153	Fragmentos de meo livro de	
Quero.....	154	hoje.....	299
Para sempre.....	156	30 de março.....	301
Não vas!.....	160	2 de abril.....	302
Eu.....	163	2 de abril.....	305
Nuvem branca, A' minha ir-		8 de abril.....	306
ma.....	169	13 de abril.....	308
Por que sou tristes.....	175	15 de abril.....	311
Senhor Landulpho Medrado,		23 de março.....	314
ao S ^c D ^r Joachim Jeronimo		Señr. Bittencourt da Sylva..	316

This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.

